

# esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

---



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

À volta do espaço exterior no 1º Ciclo do Ensino Básico

Sara de César Castilho

Coimbra, 2020

**esec**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE COIMBRA

Sara de César Castilho

## À volta do espaço exterior em 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Arguente: Prof. Doutor(a) Aida Maria de Figueiredo Ferreira

Orientador: Prof. Doutor(a) Vera Maria Silvério do Vale



## **Agradecimentos**

À ESEC, e a todos/as professores/as que passaram pelo meu percurso académico. À professora Vera do Vale, minha orientadora, pela disponibilidade, acompanhamento, atenção e força ao longo deste percurso.

Às educadoras e professora cooperante que me acolheram nas suas salas, partilhando ensinamentos e valores.

A todas as crianças que tive o privilégio de conhecer, brincar e dar carinho ao longo dos estágios.

Ao Centro Social de Alfarelos pela maravilhosa oportunidade de tornar o meu sonho realidade. À “Ticha”, pela maneira como me recebeu e integrou, pela disponibilidade em me ajudar e apoiar, pelo carinho e pelas risadas. À Lay, à Dadá, à Teresa e à Ana pela maneira que me receberam e pela ajuda. À Paula, minha companheira de sala, por ser incansável em me ajudar, tranquilizar e fazer-me rir. Agradeço principalmente “às minhas crianças” da sala de 1 ano, pelas aprendizagens diárias e pelos gestos de amor e carinho.

À Ana, Susana e Mónica, minhas colegas de mestrado, que se tornaram amigas, companheiras de estudo e de muitas brincadeiras.

À minha família, por todo o apoio que me deram e continuam a dar. Aos meus pais e à minha tia, por me darem a oportunidade de seguir o meu sonho, por serem o meu pilar por nunca me deixarem desistir, por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos e me apoiarem, pelo amor, pelo carinho e pelo orgulho que têm em mim. À minha Lu, por ser o meu maior pilar, pelo amor e pelo orgulho que tem por mim. À minha amiga de sempre para sempre, a Faria, por todo o apoio que me deu, por estar sempre ao meu lado nos bons e nos maus momentos, pelas doidices que mesmo nos momentos mais difíceis que fazem rir. Por último, ao Marco, pela ajuda, por nunca me deixares desistir, pelo incentivo e amizade que foram cruciais para chegar onde cheguei.

À avó Lala, ao avô Zé e à Tia Mimi, as minhas estrelinhas mais brilhantes, por todas as recordações e experiências maravilhosas que tive ao longo da minha infância

graças a vocês. Por tudo o que me deram, pelo amor, pelo carinho e pela ajuda. Infelizmente, não estão cá, mas tenho a certeza absoluta que estão muito orgulhosos das minhas conquistas e da menina que sou hoje.

**Título da Tese de Mestrado: À volta do espaço exterior em 40 dias**

Resumo: O presente relatório final advém do âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I e II, tendo como objetivo a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico. A decadência do tempo que as crianças têm para brincar ao ar livre é uma preocupação crucial na sociedade atual (Cordovil, Lopes, & Neto, 2018), cabe à escola e aos professores valorizar o espaço exterior da escola. Com este estudo, pretendemos identificar as práticas realizadas num espaço exterior de uma escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, compreender como é que as crianças utilizavam o espaço exterior e as suas perspetivas acerca do mesmo, bem como perceber de que forma é que os adultos valorizam o espaço exterior no desenvolvimento da criança e nas suas práticas educativas.

**Palavras-chave:** 1º Ciclo do Ensino Básico, espaço exterior, brincar, jogar, affordances

**Title “Around the outdoor space in 40 day’s”**

**Abstract:** This report comes from the scope of the curricular unit of Educational Practice I and II, aiming to obtain the degree of Master in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education. The decay of the time children must play outdoors is a crucial concern today (Cordovil, Lopes, & Neto, 2018), and it is up to the school and the teacher to value the outer space of the school. It is a promoter of affordances, play / games and promotes the integral development of children at various levels. With this study, we intend to identify the practices currently performed in the outer space of the Primary School, to understand how children use the outer space and their perspectives on it, as well as to understand how adults value the outer space in child development and educational practices.

**Keywords:** Primary School, outdoor space, play, game, *affordances*

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
<b>I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>5</b>
1. A educação em Portugal: 1º Ciclo do Ensino Básico .....	7
2. A perspetiva ecológica de Bronfenbrenner.....	9
3. A teoria da Perceção Ecológica.....	12
3.1. Psicologia Ambiental e Psicologia Ecológica .....	12
4. Os espaços exteriores .....	17
4.1. Os espaços exteriores promotores de Affordances.....	17
4.1.1. Interação Criança-Espaço Exterior expressa pelo brincar e pelo Jogo ..	20
<b>II – COMPONENTE EMPÍRICA “ESCUTAR AS CRIANÇAS”.....</b>	<b>29</b>
1. Enquadramento metodológico.....	31
1. A problemática em estudo e a sua pertinência .....	31
2. Questão-problema.....	32
3. Objetivos do estudo.....	32
4. Caracterização da realidade pedagógica .....	32
6. Instrumento(s) de recolha de dados .....	36
7. Procedimentos .....	37
<b>III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....</b>	<b>39</b>
1. Apresentação e análise dos dados.....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>60</b>

## **Abreviaturas**

AEC- Atividades Extra-Curriculares

CDC- Convenção dos Direitos da Criança

CEE- Comunidade Económica Europeia

1º CEB- Primeiro Ciclo do Ensino Básico

EE- Encarregados de Educação

ESEC- Escola Superior de Educação de Coimbra

ME – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

## Índice de figuras

Figura 1- Quatro componentes da Teoria Ecológica segundo Wachs and Evans,20109	
Figura 2- Modelo ecológico de Bronfenbrenner .....	11
Figura 3- Ciclo de reciprocidade (Figueiredo, 2015).....	13
Figura 5- Fases evolutivas de Jogo de Atividade Física (adaptado de Pellegrini & Smith, 1988 citado por Neto, 2004) .....	26
Figura 6- Vista aérea do espaço escolar (retirado do google maps) .....	35
Figura 7- Esquema da categoria 1: Zonas Verdes.....	42
Figura 8- Categoria 2: Zona de jogos.....	43
Figura 9- Categoria 3: Zonas cobertas .....	43
Figura 10- Gráfico correspondente à questão "Qual o teu local preferido para brincar?" .....	44
Figura 11- Gráfico correspondente à questão "Brincas sempre com os mesmos?" ...	44
Figura 12- Gráfico correspondente à questão "Que disciplinas gostavam que fossem lecionadas no espaço exterior?" .....	46
Figura 13- Gráfico de respostas à pergunta "Há algum sítio no exterior que gostasses de brincar e não podes?" .....	46
Figura 14- Tipos de jogos quanto à dimensão motora .....	49
Figura 16- Categorização consequente da questão "O que gostavas de ter no espaço exterior?" .....	52



## **INTRODUÇÃO**



“For the child, in play any thing can be every thing.”  
(Vygotsky 1997, p.135 citado por Ridgway, Quiñones, & Li, 2015)

O presente Relatório Final foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I e II integrada no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, conferindo o grau de mestre. O presente estudo foi desenvolvido numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, numa turma de 2º ano de escolaridade.

A prática pedagógica decorreu entre o mês de outubro de 2018 e maio de 2019, onde tivemos a oportunidade de, além de uma entrada progressiva na prática em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, observar os alunos no espaço exterior da escola e de entrevistar os mesmos. Este trabalho foi realizado com uma amostra de 20 crianças do 2º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos.

Este estudo centra-se essencialmente na importância e nas potencialidades do espaço exterior em contexto escolar de 1º Ciclo do Ensino Básico. A escolha deste tema fundamenta-se no facto de o espaço exterior ser promotor de *affordances*, de brincadeiras/jogos e de propiciar o desenvolvimento integral da criança. Outro fator na escolha deste tema deve-se ao facto de o espaço exterior ser um espaço de aprendizagem tal como a sala de aula, e por vezes as práticas educativas do 1º Ciclo continuam muito centradas em sala de aula e nos manuais escolares e no/a professor/a como única fonte de conhecimento.

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco pontos distintos, o primeiro ponto deste estudo corresponde ao Enquadramento teórico, em que o tema geral é descrito partindo de conceitos, ideias e teorias de diversos autores, tendo como objetivo este capítulo o sustento científico deste relatório. O segundo ponto corresponde à Componente Empírica, que começa por identificar a amostra, a problemática em estudo e a sua pertinência, a questão-problema, os objetivos inerentes à intervenção, a justificação metodológica, uma breve caracterização da realidade pedagógica que inclui uma breve caracterização da escola, da turma, a organização do tempo e a organização e caracterização do espaço exterior e por fim, os instrumentos de recolha de dados utilizados neste estudo. O terceiro ponto deste

estudo corresponde à Apresentação, análise e discussão dos dados, em que em primeiro lugar será feita uma breve análise das observações de registo livre, a categorização dos espaços favoritos das crianças de acordo com fotografias tiradas pelas mesmas, de seguida será feita uma apresentação e interpretação dos dados das entrevistas das crianças (categorização dos jogos, análise das relações sociais entre crianças e as mudanças que as crianças fariam no espaço exterior da escola), do/a professor/a sobre a/s sua/s perspetivas e conceções acerca do espaço exterior e uma breve análise aos desenhos feitos pelas crianças tal como as sugestões escritas por elas, neste mesmo ponto, para concluir será feita uma discussão sobre os dados obtidos neste estudo. O quarto ponto prende-se com as Considerações Finais, onde será feita uma reflexão e avaliação acerca da elaboração deste relatório final bem como os desafios e dificuldades ao longo deste trabalho e o quão importante foi para o meu futuro profissional. A última parte do trabalho terá as referências bibliográficas que serviram de suporte científico para este relatório final.

## **I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## **1. A educação em Portugal: 1º Ciclo do Ensino Básico**

A escola torna-se um pilar importante da educação em junção com a família, que concebe aos alunos/as as ferramentas necessárias para a vida profissional e pessoal. É necessário que se faça uma contextualização histórica da educação mais concretamente do 1º Ciclo do Ensino Básico, já que, esta vertente de ensino continua enraizado por valores e métodos muito tradicionais que pouco têm evoluído até à atualidade.

Com a expulsão das ordens religiosas, foi colocado ao encargo do Estado a responsabilidade pela Educação em Portugal, ou seja, pela organização de um ensino moderno, laico, gratuito e obrigatório, que viesse a substituir o ensino clássico, teológico e de acesso reservado tendo o planeamento do sistema educativo português em que a rede escolar era definida a partir da capital do reino que viesse a substituir o ensino clássico, teológico e de acesso reservado (Santos & Cordeiro, 2014). Nos meados do século XVII, às ordens de Marquês de Pombal vão surgir as primeiras iniciativas políticas e legislativas para a criação de um sistema público de instrução primária (atual 1º CEB) em Portugal, seguindo-se em 1826 a consagração da educação como um direito na Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa (Santos & Cordeiro, 2014). Só na segunda metade do século XX é que se conseguiu o objetivo de garantir a frequência escolar para a globalização das crianças portuguesas (Alcoforado, 2008; Alcoforado et al., 2012 citado por Santos & Cordeiro, 2014).

Quando ocorreu a Implantação da República (1910), Portugal ostentava uma taxa de analfabetismo de 75,1%, e assim a República fez da instrução primária uma das principais críticas à Monarquia e prosseguiu com uma reforma geral do ensino publicada em 1911 (Barreto et al., 2000 citado por Santos & Cordeiro, 2014). Mesmo com a implementação de algumas medidas, tais como a construção e reparação de escolas, Portugal chegou ao final do primeiro período republicano com um reduzido número de alunos e uma rede escolar insuficiente (Alcoforado et al., 2012 citado por Santos & Cordeiro, 2014).

O Estado Novo procurou manter o interesse pela instrução e pela educação, e resolveu delinear um programa ambicioso de construção de escolas primárias, o Plano dos Centenários, que se tornou oficial pelo artigo 7º da lei do orçamento geral do Estado para o ano de 1941 (Lei nº 1985/40 de 17 de dezembro de 1940) (Santos & Cordeiro, 2014). Depois da revolução de 25 de abril de 1974, o aumento da escolaridade era visível, mas, no entanto, a taxa de analfabetismo ainda era elevada e a educação tornou-se novamente uma arma de remesso político contra o regime destituído. Entra-se assim numa nova etapa da vida do país (Santos & Cordeiro, 2014), com a democratização da educação que se referenciou pela Constituição da República Portuguesa de 1976 em que se consagrou a liberdade de aprender e ensinar e de que todos têm o direito à educação e ao ensino (Cordeiro, 2014 citado por Santos & Cordeiro, 2014).

Depois de uma breve “viagem” pela educação em Portugal, destacamos o Relatório do Estudo “Saberes Básicos de todos os Cidadãos no século XXI”, do Conselho Nacional de Educação refere que “(...) Em termos práticos, o desafio que atualmente se coloca a todos os sistemas de ensino nas sociedades modernas é reinventar a nossa relação estratégica com o conhecimento” (p.16) completando Virões (2013) “a educação no momento atual é cada vez mais urgente (...) esta necessidade provém da conscientização do ser humano quanto à sua responsabilidade e dignidade (...) educar é ajudar o desenvolvimento e a afirmação do carácter próprio da humanidade e de cada indivíduo” (p.34).

## 2. A perspetiva ecológica de Bronfenbrenner

O desenvolvimento da criança é gradual e engloba uma relação recíproca entre a criança e o seu ambiente (Krishnan, 2010), assim, neste capítulo será abordada a perspetiva ecológica de Bronfenbrenner, já que este estudo se centra na importância que o espaço exterior da escola tem para a criança e para o seu desenvolvimento.

A maioria dos desenvolvimentistas está de acordo que o ambiente é um fator importante no desenvolvimento humano (Kail, 2004) sendo este um produto da interação entre o organismo humano em crescimento e o seu meio ambiente, esta é a proposição de que ninguém que estuda o comportamento discorda (Bronfenbrenner, 2002). Este princípio afirma que o comportamento evolui em função da interação entre a pessoa e o meio ambiente que se pode traduzir simbolicamente na equação de Kurt Lewin:  $C = f(P, ME)$  (Lewin, 1935 citado por Bronfenbrenner, 2002).

Uriel Bronfenbrenner (1917-2005) foi um psicólogo russo que se centrou na investigação sobre o desenvolvimento humano no estudo sobre as famílias e desenvolveu a teoria da perceção ecológica. Esta teoria Ecológica de Bronfenbrenner engloba quatro componentes: processo, pessoa, o contexto e o tempo (Wachs and Evans, 2010 citado por Krishnan, 2010).



**Figura 1- Quatro componentes da Teoria Ecológica segundo Wachs and Evans,2010**

O ambiente ecológico de Bronfenbrenner é “um conjunto de estruturas aninhadas, cada uma dentro da próxima como um conjunto de bonecas Russas”

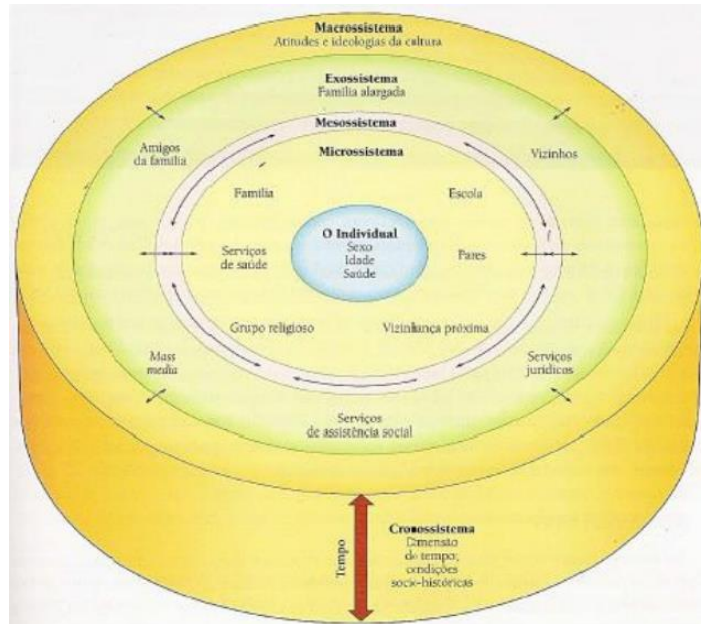
(Bronfenbrenner, 1979 citado por Krishnan, 2010) onde identifica cinco sistemas interligados de influência ambiental ou contextos de desenvolvimento, do mais particular para o mais abrangente (Papalia, Olds, & Feldman, 2001), sendo que o desenvolvimento da criança é moldado pelos vários sistemas do ambiente da criança e pelas inter-relações entre eles.

Os cinco níveis interligados de influência ambiental são:

- **Microssistema**, consiste no complexo de inter-relações dentro do ambiente imediato, em que é dada importância às conexões entre outras pessoas presentes no ambiente, à natureza desses vínculos e à sua influência indireta sobre a criança, sendo que são elas que interagem com ela em primeira instância (Bronfenbrenner, 2002). Essas pessoas podem ser por exemplo, pais, irmãos, avós, colegas e professores, nas quais a influência é interativa (Papalia, Olds, & Feldman, 2001);
- **Mesosistema**, define-se como uma série de inter-relações entre dois ou mais ambientes em que a criança se desenvolve e se torna participante ativa (Bronfenbrenner, 2002) como por exemplo nas inter-relações casa-escola, família-grupo de pares entre outras.
- **Exossistema**, consiste em um ou mais ambientes que não envolvem a criança como participante ativo onde ocorrem eventos que afetam ou são afetados por aquilo que acontece naquele ambiente (Bronfenbrenner, 2002), ou seja, a criança não está inserida mas é afetada indiretamente (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).
- **Macrossistema**, refere-se à solidez observada dentro de uma dada cultura ou subcultura tal como qualquer sistema de crença ou ideologia nela implícita (Bronfenbrenner, 2002). Estas culturas ou subculturas são de esperar que sejam diferentes umas das outras mas relativamente homogêneas em relação a alguns aspetos: os tipos de ambiente, os tipos de ambiente em que as pessoas entram nos sucessivos estágios da sua vida, o conteúdo e organização das atividades molares, papéis e relações encontradas em cada tipo de

ambiente, a extensão e natureza das conexões existentes entre os ambientes nos quais entra a criança (Bronfenbrenner, 2002) .

- **Cronossistema** refere-se à dimensão do tempo, pode incluir alterações na estrutura familiar, local de residência assim como mudanças culturais mais vastas como guerras ou ciclos económicos (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).



**Figura 2- Modelo ecológico de Bronfenbrenner**

De acordo com o modelo ecológico de Bronfenbrenner, a relação existente entre a criança e o meio ambiente é recíproca pois o ambiente influencia a criança tal como a criança influencia o meio ambiente e o desenvolvimento do ser humano não só depende das características biopsicológicas do indivíduo mas também das características dos contextos (Krishnan, 2010) .

### **3. A teoria da Perceção Ecológica**

#### **3.1. Psicologia Ambiental e Psicologia Ecológica**

A Psicologia ambiental surge na década de 60, com o interesse por novas teorias que promovessem o aparecimento de um novo paradigma na compreensão e estudo do comportamento humano, procurando novas teorias e abordagens mais contextualizadas e ecológicas (Figueiredo, 2015). Surgiram assim, novas teorias que promovem o aparecimento de um novo paradigma na compreensão e estudo do comportamento: os fenómenos psicológicos intra-indivíduo acabam por não serem suficientes para explicar o comportamento humano, tornando necessário a adoção de uma perspetiva mais holística de modo a permitir a compreensão do comportamento como um elemento constituinte de um sistema dinâmico que ocorre num contexto (no qual existem fatores físicos, sociais e culturais), num espaço e tempo específico (Stokols, 1991 citado por Figueiredo, 2015).

A Psicologia Ambiental, tem como interesses investigativos a observação do indivíduo no seu contexto natural, as interações desenvolvidas entre o indivíduo e os ambientes físico e social, tal como o modo como o mesmo percebe e avalia o meio ambiente em que está inserido (Moser, 1998). As influências de diversas áreas disciplinares da Psicologia Ambiental oferecem uma grande panóplia de domínios de intervenção, especialmente na Psicologia, na Geografia, na Arquitetura, na Sociologia Ambiental, na Ecologia Humana, no Planeamento Urbano (Moore, 1987; Pinheiro, 1997; Stokols, 1995 citado por Figueiredo, 2015) e na Educação de Infância. Em 1968, ao mesmo tempo que surge e evolui a Psicologia Ambiental, Roger Barker, ex-colaborador de Lewin, opta por estudar rotinas diárias de indivíduos no contexto natural, dando assim origem à Psicologia Ecológica, uma subárea da Psicologia, estreitamente relacionada com a Psicologia Social e a Ecologia (Figueiredo, 2015).

Ao longo do tempo, a Psicologia Ambiental tal como a Psicologia Ecológica têm vindo a compreender o modo como os indivíduos descrevem e percebem o

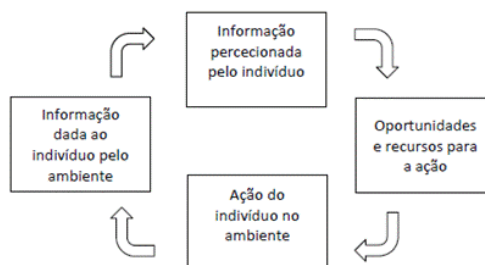
ambiente que está à sua volta, esta perspetiva encontra-se implícita à Teoria da Perceção Ecológica desenvolvida por Gibson, em 1979 (Figueiredo, 2015).

### 3.1. Os conceitos de Affordances, informação e captação ativa da informação

Como já referido anteriormente, em 1979, Gibson concebeu a Teoria da Perceção Ecológica ou também intitulada por Teoria das Affordances, que desenvolveu ao longo de várias décadas (1950-1979), tendo como objetivo o estudo do indivíduo no seu ambiente natural, com foco da sua atenção nas informações percecionadas pelo indivíduo e intervenientes no processo de regulação do comportamento humano. Gibson distanciou-se do ponto de vista da tradicional Psicologia da Perceção, pois o seu estudo se centrou particularmente no estudo da interação organismo-ambiente e não exclusivamente nos processos mentais do indivíduo (Kyttä, 2003 citado por Figueiredo, 2015).

Assim, um dos princípios base da Teoria da Perceção Ecológica é a relação entre o indivíduo-ambiente sendo esta relação perspetivada como dinâmica, interativa e baseada numa reciprocidade bidirecional (Gibson & Pick, 2000 citado por Figueiredo 2015), pois o ambiente oferece ao indivíduo informações sobre o que pode ser percecionado e assim o indivíduo atua e pratica a sua influência no ambiente.

Ao repetir-se no tempo e no espaço, esta mutualidade dá lugar a um ciclo de informação/perceção/ação, no qual o indivíduo e o ambiente constituem um todo complementar (Figueiredo, 2015).



**Figura 3- Ciclo de reciprocidade (Figueiredo, 2015)**

Este ciclo de reciprocidade pode ser analisado segundo Figueiredo (2015), da seguinte forma: o indivíduo recebe informação disponível do ambiente e perceciona

apenas a que está em sintonia com os seus interesses e necessidades, surgindo assim, oportunidades e recursos para a ação. Quando esta ação se desenvolve, o indivíduo encontra mais informação sobre novas possibilidades de percepção e posterior ação.

Este ciclo abarca três conceitos na Teoria da Percepção Ecológica de Gibson: Affordances, Informação e Captação ativa (Gibson & Pick, 2000 citados por Figueiredo 2015).

### **3.1.1. Affordances**

Em 1966, Gibson introduz no conceito de Affordance no seu livro “The senses considered as perceptual systems”. A teoria das Affordances tem implícita três dimensões que carregam mudanças no que diz respeito à observação e análise do comportamento humano e dos recursos que o ambiente proporciona: a complementaridade/reciprocidade indivíduo-ambiente, a reciprocidade percepção-ação e a especificidade individual na atribuição de significado (Figueiredo, 2015).

O ser humano, no seu dia-a-dia, percebe o ambiente que o envolve como um local cheio de objetos, eventos e pessoas com significativa funcionalidade e valor em termos das possibilidades que oferecem para as suas ações e intenções (Heft, 2003 citado por Figueiredo, 2015), têm também a consciência da estrutura da informação que está disponível, mas principalmente tem a consciência do significado da sua função, ou seja, a descrição da informação ambiental (atividades permitidas ou promovidas pela informação percebida) é feita numa perspetiva de funcionalidade (Heft, 1988 citado por Figueiredo, 2015). Esta percepção apresenta uma particularidade individual, dependente das características do ambiente, podendo ser considerado como um conceito relacionalmente específico. As prioridades das Affordances são, ao mesmo tempo determinadas por atributos do ambiente e de um indivíduo particular, levando a que, se se tiver que realizar uma avaliação das possibilidades funcionais de um determinado espaço é preciso ter como referência um determinado tipo de indivíduo (Figueiredo, 2015).

**Mas então o que são Affordances?**

As Affordances são mais do que uma relação única entre o mundo subjetivo (indivíduo) e o mundo objetivo (ambiente), a sua natureza faz com que elas sejam definidas pela relação que têm com o observador (Kytä, 2003 citado por Figueiredo 2015) ou seja, pode-se dar mais do que um uso comum de um objeto, pois cada objeto tem uma panóplia de Affordances, ou e para além da relação que existe com o observador, as Affordances podem ter a ver com o contexto do qual fazem parte (Heft, 2003 citado por Figueiredo, 2015). Uma caixa pode ter funcionalidades diferentes consoante o contexto da qual faz parte, o contexto de onde se encontra e as características individuais do indivíduo que a utiliza. Por exemplo, o Rui utilizou uma caixa que serviu de banco para chegar a um livro que estava na estante da sala de aula, já a Maria utilizou a mesma caixa no espaço exterior para a recolha de elementos da natureza.

De acordo com Gibson (1986), as affordances não só são físicas (objetos, equipamentos, superfícies, etc.) como também podem ser sociais (animais, outros organismos e interações sociais) (Figueiredo, 2015). A categorização das affordances não era uma prioridade para o autor, mas mesmo assim acabou por produzir uma lista de possíveis affordances para os humanos e na qual incluía: ambiente, substâncias, superfícies e seus layouts, objetos fixos e não fixos, lugares, eventos, outras pessoas e animais (Figueiredo, 2015).

### **3.1.2. Informação**

A informação constitui o segundo conceito crucial da Teoria da Perceção Ecológica. O indivíduo tem à sua volta informação propagada no espaço e no tempo, sendo que esta informação é dada ao indivíduo quer por elementos físicos do ambiente, quer por eventos, intitulados por expressões faciais, movimentos ou ações, e é alcançada alcançada de um modo ativo através do movimento e exploração feita pelo indivíduo (Figueiredo, 2015).

### **3.1.3. Captação ativa da informação**

De modo a orientar as suas ações e perceber o ambiente que o rodeia, o indivíduo, mais concretamente a criança, procura ativamente informação (Figueiredo, 2015) e,

acordo com alguns autores (Gibson,1986; Gibson e Pick, 2000 citado por Figueiredo, 2015), podem-se diferenciar dois tipos de ação na procura de informação – exploratórias e performatórias-, mas ambas cruciais à aprendizagem. As ações exploratórias são predominantes na infância, são espontâneas e visam a produção de conhecimento. A obtenção de informação pela criança permite testar as suas capacidades e limites num ambiente (Cosco,2006; Gibson & Pick, 2000 citado por Figueiredo,2015). Já as ações performatórias têm como objetivo a obtenção de um resultado que é previamente pensado, podendo igualmente incentivar à exploração e produzir conhecimento (Figueiredo, 2015). Existe ainda um terceiro tipo de experiência do espaço e sequente obtenção de informação introduzida por Chawa e Heft (2002): a ação produtiva, em que recursos são transformados em novos e desejados objetos (Figueiredo, 2015).

## **4. Os espaços exteriores**

### **4.1. Os espaços exteriores promotores de Affordances**

A abordagem das affordances, nos últimos dez anos, tem sido usada para compreender as interações entre as propriedades funcionais do ambiente e o modo como este é utilizado (Clark & Uzzel, 2002 citado por Figueiredo, 2015) mais concretamente no que diz respeito a espaços das crianças (Figueiredo, 2015). De acordo com a abordagem das Affordances, as diversas possibilidades funcionais dos espaços vão depender da criança ou do grupo de crianças e alteram-se de acordo com o desenvolvimento e crescimento (Figueiredo, 2015). O tempo é um fator com uma dimensão central nesta abordagem, pois as possibilidades funcionais percebidas pelas crianças podem ser díspares em diversos momentos da sua vida (Figueiredo, 2015). À medida em que as crianças se desenvolvem e crescem e a sua experiência e repertório aumentam, novas affordances surgem e passam a ser percebidas e utilizadas pelas crianças (Heft, 1988 citado por Figueiredo, 2015).

Tendo como foco principal o ponto de vista desenvolvimental, a organização dos espaços de jogo da criança, não deve ser visto como um amontoado de equipamentos fixos, objetos soltos, áreas isoladas e eventos sem nexos, mas como um todo coeso e com hipóteses de se atribuir significados por parte das crianças que o usufruem (Figueiredo, 2015). Algumas destas particularidades são corroboradas por Herrington e Lesmeister (2006), num estudo feito com crianças entre os 3 e os 5 anos, tendo sete critérios, intitulados pelas autoras por “Seven Cs”, fulcrais para o planeamento e para a conceção de espaços de jogo: [1] Caráter (Character), as autoras consideram que o espaço, no seu todo, deve mostrar uma intenção clara e coesa do que se deseja com ele e a quem se destina (Figueiredo, 2015); [2] Contexto (Context), em que deve ser alvo de atenção, mais concretamente ao tamanho, pois este deve estar de acordo com o número de crianças, a sombra e a exposição solar, tal como a possibilidade de as crianças poderem ver o espaço envolvente através do seu gradeamento (Figueiredo, 2015); [3] Conexão (Connectivity), em que deve haver uma conexão no espaço, ou seja, a interligação ou unificação do espaço físico para promover uma maior

implicação das crianças nas atividades e uma maior compreensão generalizada e particular do espaço (Figueiredo, 2015), sendo que esta ligação pode ser conquistada através da existência de uma hierarquia de caminhos (principais e secundários) que promovem a exploração, o movimento, levando a que as crianças façam opções (Senda, 1992 citado por Figueiredo, 2015); [4] Mudança (Change); [5] Oportunidade (Chance); [6] Clareza (Clarity); [7] Desafio (Challenge)- Os espaços de jogo, segundo as autoras, devem abranger diferentes graus de dificuldade, com o intuito de incentivar a criança a procurar o seu nível de desafio, levando-a a testar os seus limites, avaliar situações e resolver problemas. (Figueiredo, 2015).

Quanto à oportunidade de testar limites, Fjørtoft e Gundersen (2007) defendem um espaço exterior de jogo com alguma complexidade de informação, após a realização de alguns estudos no domínio dos espaços exteriores e do comportamento das crianças em espaços tradicionais versus espaços natureza (Figueiredo, 2015). Esta dimensão proporciona às crianças uma grande diversidade de oportunidades de ação, promotoras de exploração e seleção de níveis diferenciados de desafio, liberdade e autonomia, essenciais ao seu desenvolvimento holístico. Ainda segundo estas autoras, a diversidade de materiais é igualmente fundamental, possibilitando que as crianças vivenciem diferentes situações práticas e que procurem ativamente soluções para os problemas que vão surgindo (Figueiredo, 2015). Alguns autores comprovam esta ideia, pois de facto, a possibilidade de movimento e acesso livre a uma panóplia de atividades e de recursos, surgindo como característica fundamental de um espaço preferido pelas crianças (Chawla, 2002; Kyttä, 2006 citado por Figueiredo, 2015).

Um dos primeiros psicólogos a usar a Teoria da Perceção Ecológica de Gibson foi Heft. Este autor defende a análise dos espaços das crianças a partir da sua funcionalidade, podendo assim, compreender o padrão de perceção das crianças tal como os significados funcionais de um espaço (Figueiredo, 2015).

Heft, elaborou uma taxonomia em que descreve as propriedades funcionais significativas dos espaços das crianças, mais tarde em 1995, Kyttä (2002) adota esta taxonomia em que efetua algumas alterações introduzindo as affordances sociais, tirando uma das categorias: a abertura (Figueiredo, 2015). Em concordância com

Heft e Kytä, as 10 categorias, possibilitam avaliar a qualidade de um espaço das crianças (4 aos 12 anos), no que diz respeito ao que podem fazer, e em todas as taxonomias é possível determinadas oportunidades de ação (Figueiredo, 2015).

<b>Qualidades ambientais que suportam determinadas affordances</b>	<b>Affordances</b>	<b>Affordances sociais</b>
<b>1-Ações em superfícies planas relativamente suaves</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita andar de bicicleta</li> <li>- Possibilita correr</li> <li>- Possibilita pular/saltar</li> <li>- Possibilita andar de skate/patins</li> <li>- Possibilita jogar à macaca</li> <li>- Possibilita esquiar</li> <li>- Possibilita realizar jogos (futebol, hóquei no gelo, ténis, badmington)</li> </ul>	
<b>2 – Ações em declives relativamente suaves</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita deslizar/escorregar</li> <li>- Possibilita andar de skate</li> </ul>	
<b>3 – Ações com manipulação de objetos/materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita atirar e jogar</li> <li>- Possibilita escavar na terra</li> <li>- Possibilita fazer construções</li> <li>- Possibilita brincar com animais</li> <li>- Possibilita utilizar plantas no jogo</li> </ul>	
<b>4 – Ações com objetos fixos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita saltar sobre</li> <li>- Possibilita saltar acima de/abaixo de</li> </ul>	
<b>5 – Ações com objetos fixos não rígidos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Possibilita andar de baloiço</li> <li>- Possibilita pendurar</li> </ul>	
<b>6 – Ações em superfícies escaláveis</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita trepar</li> <li>- Possibilita ver a paisagem</li> </ul>	
<b>7 – Esconderijos/ abrigos/ refúgios</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita esconder</li> <li>- Possibilita estar sozinho</li> </ul>	
<b>8 – Ações com material moldável (terra, areia, neve)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita moldar qualquer coisa</li> <li>- Possibilita construções na neve</li> </ul>	
<b>9 – Ações com água</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita nadar</li> <li>- Possibilita pescar</li> <li>- Possibilita brincar na água</li> </ul>	
<b>10- Ações de jogo social</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Possibilita jogos de regras</li> <li>- Possibilita fazer teatro (faz de conta)</li> <li>- Possibilita brincar às casinhas e à guerra</li> <li>- Possibilita fazer barulho</li> <li>- Possibilita ajudar nas tarefas dos adultos</li> </ul>

**Tabela 1- Categorias de affordances para espaços das crianças segundo Kytä (2002), a partir da taxonomia funcional de affordances de Heft (1988) citado por (Figueiredo, 2015).**

Apesar de se descrever algumas características dos espaços promotores de affordances, as affordances são específicas para uma determinada criança e que diferentes ambientes levam a comportamentos diversos em diferentes crianças e em momentos diferenciados e que o mesmo ambiente promove comportamentos diferentes na mesma criança em momentos distintos (Gibson, 1986 citado por Figueiredo, 2015).

#### **4.1.1. Interação Criança-Espaço Exterior expressa pelo brincar e pelo Jogo**

A interação criança-espaco exterior pode ser expressa de diferentes formas, mas neste estudo iremos abordar esta interação expressa pelo brincar e pelo jogo, pois os o termo jogo e brincar estão intimamente ligados, e quando se aborda um, o outro está presente, sendo que cada um deles tem definições diferentes.

##### **1. O brincar**

Existem tantas definições de brincar quanto maneiras de brincar (Moyles & al, 2006). Ao longo da história da humanidade, as concepções sobre a criança foram-se modificando com o tempo. Na Idade Média, a criança era vista como um “homem em miniatura” (Kishimoto, 1994) no entanto, com o avançar do tempo a criança passou a ser mais valorizada. Assim, em 1924 surge a Declaração de Genebra dos Direitos da Criança, reconhecida na Declaração Universal dos Direitos do Homem e nos estatutos de organismos especializados e organizações internacionais, preocupados com o bem-estar das crianças, a necessidade de proteção da criança e outros princípios surge a Declaração dos Direitos da Criança, anunciada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), de 20 de novembro de 1989 que proclama “(...) uma infância feliz e ao gozo, para bem da criança e da sociedade, dos direitos e liberdades aqui estabelecidos e com vista a chamar a atenção dos pais, enquanto homens e mulheres, das organizações voluntárias, autoridades locais e Governos nacionais, para o reconhecimento dos direitos e para a necessidade de se empenharem na respetiva aplicação através de medidas legislativas ou outras progressivamente tomadas (...)” de acordo com vários princípios que destaco o princípio 7º em que é reconhecida à criança a “(...) oportunidade para brincar e divertir-se, visando os mesmos propósitos da sua

educação (...).” Mais tarde, em 1990, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclama a Convenção dos Direitos das Crianças, onde é reconhecido o brincar como um direito fundamental no Artigo 31º: “1. Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística. 2. Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.”

A International Play Association (2016) refere: “Children’s play is any behaviour, activity or process initiated, controlled and structured by children themselves; it takes place whenever and wherever opportunities arise. (...) Play involves the exercise of autonomy, physical, mental or emotional activity, and has the potential to take infinite forms, either in groups or alone” (p.1).

Vários autores de renome tais como John Dewey, Maria Montessori, Mildred Parten, Grusec and Lytton, Jean Piaget, Brunner e Vygotsky destacam a pertinência e a importância do brincar no desenvolvimento da criança com visões diferentes, mas todas consideram o brincar fundamental para o seu desenvolvimento.

Destes autores destacamos Vygotsky que desenvolveu sempre as suas pesquisas tendo em consideração a individualidade de cada indivíduo para a compreensão da origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos. Na perspectiva de Vygotsky, o brincar “(...) satisfaz certas necessidades da criança e que essas necessidades são distintas em cada fase da criança, pois vão mudando no decorrer de sua maturação” (Rolim & Tassigny, 2008, p. 180) Assim, com a maturação da criança, é cada vez mais explícito que o brincar está intimamente ligado ao mundo imaginário, e cooperam para o seu desenvolvimento e uma maior facilidade de “Interação com as pessoas, as quais contribuirão para um acréscimo de conhecimento” (Rolim & Tassigny, 2008, p. 179). Jean Piaget, centrou os seus estudos no desenvolvimento cognitivo, permitindo compreender que as transformações das estruturas cognitivas irão influenciar o comportamento do indivíduo e o modo como interagem com o

ambiente (físico e social). Este autor dividiu o desenvolvimento cognitivo da criança em quatro fases, denominando-as por estádios de desenvolvimento. “Na teoria piagetiana a brincadeira não aparece em si, mas serve para revelar mecanismos cognitivos da criança. É uma forma de expressão da conduta que não parte de um conceito específico, mas empresta características metafóricas como espontâneo, prazeroso...” (Kishimoto, O jogo e a educação infantil, 1997).

Nos últimos anos têm surgido diversos estudos acerca do brincar, Kishimoto (2010) diz-nos que é através do brincar que a criança conhece o seu próprio corpo e o mundo que a rodeia. Esta autora defende, ainda, que o brincar é a atividade principal da criança, pois permite tomar decisões, expressar sentimentos e valores, partilhar brincadeiras com os outros, expressar-se individual ou coletivamente, explorar o mundo com diversos objetos, pessoas e elementos da natureza; usa o corpo, os seus sentidos através de movimentos; seleciona problemas e soluciona-os. Para complementar, “(...) não é supérfluo ou sem sentido, como muitas vezes se afirma, mas um meio de praticar competências que irão ser necessárias ao longo da vida. Precisamos por isso de uma pedagogia aberta ao mundo e à vida, que ensina a lidar com os riscos e que coloca o brincar no centro do currículo e de uma pedagogia que enriquece e estimula o brincar da criança” (Vale, 2013).

Assim, os espaços exteriores contemplam oportunidades, experiências, sensações e desafios que os espaços interiores não possibilitam (White, 2011), potenciam também a que a criança faça escolhas, desenvolva amizades e partilha de experiências com os pares (Sebba & Churchman, 1986 citado por Bento, 2015). O brincar nos espaços exteriores, fomenta uma panóplia de aprendizagens e desafios que influenciam o desenvolvimento e saúde da criança (Bilton, 2010; Tovey, 2011, citado por Bento, 2015). Assim, escola tem um papel fulcral na vida das crianças, e uma vez que as crianças lá passam a maior parte do seu tempo, considera-se que, perante este cenário social, os contextos educativos ganhem uma responsabilidade acrescida para garantir experiências de brincar com qualidade, ao ar livre e em contacto com a natureza, contrariando hábitos sedentários (Bento, 2015). Na perspetiva de Thomas e Harding (2011) brincar nos espaços exteriores revela-se como um meio de aprendizagem por excelência, considerando-se que as experiências

sensoriais decorridas nestes espaços mobilizam a criança como um todo, estimulando-a a ser uma construtora ativa do seu próprio conhecimento.

De acordo com a NAEYC – (National Association of Early Childhood Specialists in State Departments of Education, 1997) há uma panóplia de benefícios associados ao espaço exterior /recreio, com destaque para as seguintes quatro dimensões:

- **Desenvolvimento social:** interação entre pares que permite o desenvolvimento da socialização da criança através da aquisição de competências variadas como a cooperação, o desenvolvimento da linguagem, a perceção do outro, etc.;
- **Desenvolvimento emocional:** vivência de sentimentos variados fruto do leque de interações entre pares e que conduzem à aceitação do outro, à tolerância, ao autocontrolo, à gestão do stresse e à gestão de conflitos;
- **Desenvolvimento físico:** atividade física que funciona como escape da energia acumulada, mas também conduz ao desenvolvimento de destrezas motoras, com reflexos na dimensão psicológica da criança;
- **Desenvolvimento cognitivo:** comportamentos exploratórios, jogos e outras atividades que permitem o desenvolvimento de constructos intelectuais.

## 2. O jogo

O jogo é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, muito atrativa e intrigante para os investigadores interessados nos domínios do desenvolvimento humano, educação, saúde e intervenção social (Neto, 2003) e surge como a primeira forma não estruturada, na qual a criança constrói o conhecimento e desenvolve as suas habilidades, experimenta e explora os seus limites (American Academy of Pediatrics, 2011).

Para o desenvolvimento da criança, o jogo constitui um veículo excepcional no que se refere sobretudo à capacidades físicas e intelectuais (Cabral, 1985,1990,1991,1998; Almeida, 2000; Kishimoto, 2002 todos citados por Dias & Mendes, 2016), possibilitando à criança conhecer o seu corpo, explorar o meio que a rodeia e adquirir novas experiências motoras (cf. Doron, 1970; Wallon,1979; Vygotsky,1979, 1984;

Anjos, 2005 todos citados por Dias & Mendes, 2016). Assim, o ato de jogar é uma das formas mais frequentes de comportamento durante a infância, sendo assim uma área de grande relevo no domínio da educação, saúde e intervenção social motoras (cf. Neto, 1997a, Neto, 1997b; Guedes, 1991; Neto,1999; Lopes,2000 todos citados por Dias & Mendes, 2016).

Tal como a sua definição, também a categorização do jogo surge como uma tarefa difícil e até para alguns autores como utópica (Van der Kooij, 2007 citado por Figueiredo, 2015). O jogo tem implícito três dimensões: social, cognitiva e motora, que são reconhecidas pelos investigadores da área como dimensões importantes nos sistemas de categorização do jogo na infância (Johnson,2006 citado por Figueiredo,2015).

- **Dimensão social**

A mais popular e a mais usada das taxonomias no âmbito das interações sociais foi desenvolvida por Parten (1932) (Coplan, Rubin & Findlay, 2006; Gander, Gardiner & Bass, 1981 todos citados por Figueiredo, 2015), depois de observar crianças durante o jogo (livre) (Figueiredo, 2015). Os dados que foram obtidos no estudo foram compilados em 6 categorias, em concordância com o grau de participação das crianças:

- **Comportamento desocupado-** Inicialmente não aparenta que a criança esteja em atividade, mas observa alguma coisa que se passa e que capta o seu interesse. Quando a criança considera que nada de interessante está a acontecer pode eventualmente interagir com o seu corpo, manter-se no mesmo local ou até mesmo seguir um adulto (Figueiredo, 2015).
- **Comportamento de observação-** Este comportamento é muito semelhante ao anterior e o autor não o considera como um jogo verdadeiro, mas sim como um comportamento, pois a criança só observa outras atividades em jogo e, algumas das vezes poderá expressar opiniões e dialogar, mas não participa (Figueiredo, 2015).

- **Jogo solitário**-É considerado jogo solitário quando a criança não parece à vontade no contacto com os outros nem na interação, e escolhe desenvolver uma atividade de jogo (Figueiredo, 2015).
- **Jogo paralelo**- Esta categoria de jogo surge independente dentro de um grupo, onde as crianças estão próximas, mas poucas vezes partilham materiais ou brinquedos, embora a atividade ou material/equipamento possam ser similares. Pode haver diálogo, mas cada criança tem o seu discurso e não mostra qualquer tentativa de interagir ou participar (Figueiredo, 2015).
- **Jogos associativo**- Há uma participação social positiva existindo uma organização das atividades de grupo e todas as crianças têm o mesmo objetivo e esforçam-se para o alcançar. Pode-se observar contacto físico com com o(s) par(es), interações verbais, reciprocidade no jogo, mas com pouca organização. As crianças apresentam algumas dificuldades em participar em atividades de grupo, sendo, no entanto, cruciais as oportunidades de interação, de modo a que possam aos poucos aprender a comunicar e gerir emoções. (Figueiredo, 2015).
- **Jogo cooperativo**- Existe um nível elevado de interação entre os pares: as crianças partilham, substituem-se e deixam que algumas assumam a liderança do grupo (Parten, 1932, 1933 citado por Figueiredo, 2015).

- **Dimensão cognitiva**

Na dimensão cognitiva destacam-se três autores: Piaget, Smilansky e Vygotsky (Figueiredo, 2015).

Segundo a teoria do desenvolvimento da inteligência cognitiva, da qual Piaget é pioneiro, o jogo está relacionado com o desenvolvimento cognitivo, que se ergue do equilíbrio assimilação-acomodação (Figueiredo, 2015). Piaget, sugere três fases evolutivas do jogo: jogo de exercício/funcional, jogo simbólico e jogo com regras.

- **Jogo exercício/funcional (0-2 anos)** - surge durante o período sensório-motor e mantém-se durante toda a infância. Primeiramente surge sob a forma de exercícios simples e que a sua finalidade é o próprio prazer do funcionamento e à medida que a criança cresce (Piaget, 1978)

- **Jogo simbólico (2-6 anos)** - surge no período pré-operacional, e é através deste jogo que a criança interage com o mundo e representa-o simbolicamente inventando papéis e objetos (Piaget, 1978).
- **Jogo com regras (7-12 anos)** - surge no período das operações concretas, prolongando-se até ao período das operações formais. Este tipo de jogo apresenta-se mais socializada, sendo cruciais as regras e as relações de cooperação entre os pares (Piaget, 1978).

- **Dimensão motora**

As crianças e os jovens mostram de forma regular, uma sistemática necessidade de atividades motoras vigorosas em diversos contextos do seu quotidiano em dinâmicas formais e informais (Neto, 2004).

O jogo de atividade física é negligenciado pelo estudo do desenvolvimento humano e da aprendizagem humana, sendo que este apresenta um perfil evolutivo em forma de U invertido traçando três curvas que correspondem a formas distintas de jogo: início na 1ª infância, atingindo um pico evolutivo no período da 2ª infância e declinando na adolescência até desaparecer na idade adulta (Neto, 2004) como mostra a figura:

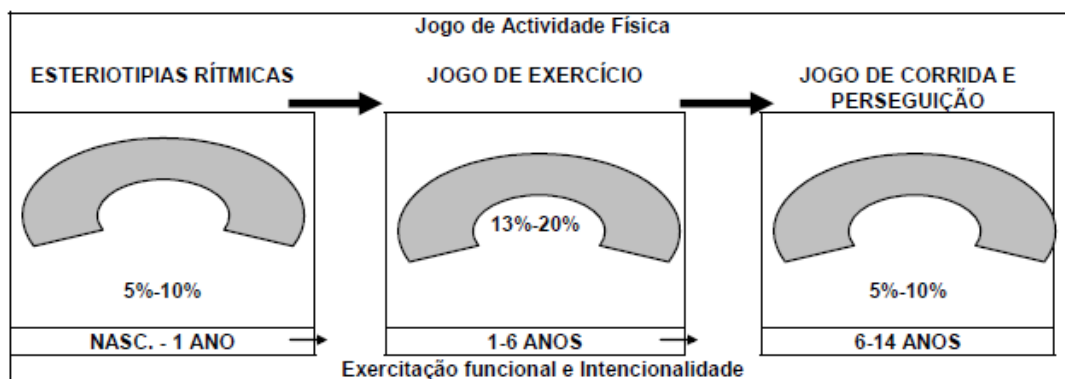


Figura 4- Fases evolutivas de Jogo de Atividade Física (adaptado de Pellegrini & Smith, 1988 citado por Neto, 2004)

**O jogo de estereotipia rítmicas** (movimentos bruscos de balancear e dar pontapés) que se manifestam durante o primeiro ano de vida, sem se compreender exatamente o propósito ou objetivo nestes movimentos (Thelen, 1979, 1980, 1986 citado por Neto, 2004), julgando-se que sejam controlados pela maturação neuromuscular e permitem

desenvolver padrões motores na infância. É provável que estes comportamentos sejam também uma manifestação da imaturidade do sistema de integração sensório-motor (Neto, 2004). **O jogo de exercício** (Exercise Play), demonstra-se através de movimentos locomotores, posturais e manipulativos no contexto de jogo, no final do primeiro ano de vida e desenvolve-se de forma significativa até aos 6 anos. Esta fase de jogo corresponde a um momento de grande exaltação física e motora, através de experiências que envolvam movimentos fortes de corrida, saltos, e manipulações e com um grande significado social e biológico (Neto, 2004). Pode também mostrar-se através de atividades solitárias, com pais ou com amigos (Neto, Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor, 2004). No período do pré-escolar, observa-se uma grande atividade física por parte das crianças na forma de jogo livre nos espaços exteriores, o que no 1º Ciclo não se vem a identificar observando-se um declínio (Neto, 2004). **O jogo de luta e perseguição** (Rough-and-Tumble) ou também conhecido por jogo de contacto e agilidade, envolve normalmente atividades de contacto físico, corrida de perseguição (Chase), luta (Playfithing), confronto cara a cara (play-face), atirar objetos (hitting with an object), etc (Neto, 2004). Esta categoria de jogo de atividade física é complicada de definir, o jogo de luta e perseguição tem um significado biológico e social de grande importância no desenvolvimento de "rituais de passagem" ao longo do início da adolescência (Neto, Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor, 2004). Há dados de investigação que possibilitam validar a curva de desenvolvimento em U invertido: Ensino Pré-Escolar até aos 5 anos - 3 a 5%; 1º Ciclo do Ensino Básico até aos 10 anos - 7 a 10%, decrescendo no 2º Ciclo do Ensino Básico até aos 13/14 anos para 3 a 5%. Estes valores permitem epilogar que o pico de desenvolvimento é atingido por volta dos 8 a 10 anos e vai desaparecendo progressivamente durante a adolescência (Neto, Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor, 2004).



## **II – COMPONENTE EMPÍRICA “ESCUTAR AS CRIANÇAS”**



## **1. Enquadramento metodológico**

Neste capítulo intitulado “Escutar as crianças”, será apresentado o estudo realizado em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, efetuado paralelamente ao estágio neste contexto. Primeiramente será efetuada uma breve caracterização da amostra, a apresentação da problemática em estudo e a sua pertinência, a questão-problema, os objetivos que queremos alcançar com este estudo, os instrumentos de recolha de dados utilizados, a categorização das fotografias tiradas pelas crianças, a análise das entrevistas (às crianças e à professora), dos desenhos elaborados pelos alunos e as suas sugestões sobre o que faltava no espaço exterior.

Para a realização deste estudo, foi pedida autorização à professora da turma, aos encarregados de educação e às crianças. Para os encarregados de educação, foi enviado para casa um consentimento informado (anexo 1), considerado como fundamental pois estão em causa o direito à liberdade e a autonomia do indivíduo (Cohen, Manion, & Morrison, 2001) e no início do estudo foi questionado às crianças se queriam participar. É de salientar que todos os encarregados de educação autorizaram os/as seus educandos/as a participar, mostrando-se predispostos e colaborativos com a realização deste estudo.

### **1. A problemática em estudo e a sua pertinência**

A problemática em estudo deve-se ao facto de, em Portugal, a presença e a influência dos espaços exteriores no dia-a-dia das crianças tem vindo a diminuir de uma forma significativa (Neto, 1997), estes espaços em contextos educativos estão com falta de recursos financeiros e humanos, colocando-os ao abandono e sem qualidade de estimulação (materiais e equipamentos) (Neto, 2005).

Os espaços exteriores, em contexto educativo mais conhecidos por recreio, devem permitir à criança o desenvolvimento adequado das suas atividades, devem ser convidativos à sua participação e devem facilitar o seu desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo (Walsh, 2008 citado por Pereira, Condessa, & Pereira, 2013), promovendo também que a criança demonstre as suas emoções e sentimentos, partilhe experiências, vivencie aventuras, escolha amigos, aja e interaja em situações

diferenciadas (Rebolo & Baião, 2015). O tempo que as crianças passam neste espaço é um tempo livre de controlo dos adultos e é uma parte fundamental do dia na escola (Pellegrini, 1975 citado por Rebolo & Baião, 2015) e é crucial para a integração das crianças, havendo liberdade para interagir com os pares e o respetivo envolvimento (Rebolo & Baião, 2015).

“A criança adquire uma maior familiaridade com o espaço de recreio, redefine as suas expectativas, conhecimentos acerca das suas capacidades e limites, testa estratégias de solução de problemas e ensaia competências úteis para quando os adultos não estão presentes (Bento, Bento, & Dias, 2017).

## **2. Questão-problema**

O objetivo deste estudo é dar resposta a duas questões:

- a. “Como é que as crianças interagem com/e no espaço exterior?”
- b. “Quais são as perspetivas do adulto sobre a importância do espaço exterior?”

## **3. Objetivos do estudo**

Com este estudo pretendemos:

- Identificar as práticas realizadas atualmente no espaço exterior da escola do 1º Ciclo;
- Compreender como as crianças utilizam o espaço exterior;
- Compreender as perspetivas das crianças sobre o espaço exterior;
- Perceber de que forma é que os adultos valorizam o espaço exterior no desenvolvimento da criança e nas práticas educativas;

## **4. Caracterização da realidade pedagógica**

É fundamental caracterizar a realidade pedagógica em que o estudo foi realizado, pois as realidades pedagógicas são diferentes, com características e particularidades próprias e para que se compreenda e as opções tomadas no estudo e os seus resultados, é necessário conhecer primeiro a realidade pedagógica. Assim, neste

ponto será feita uma breve caracterização da realidade pedagógica (caracterização da escola, da turma, organização do tempo, do espaço exterior).

A escola em que foi efetivada a prática pedagógica em 1º Ciclo do Ensino Básico, situa-se geograficamente na zona sul do concelho de Coimbra. O Agrupamento em que se insere pertence à rede pública do Ministério de Educação e integra três jardins-de-infância, oito escolas básicas de 1º ciclo e duas escolas básicas de 2º e 3º ciclo EB.

#### **4.1. Caracterização da turma**

A presente prática pedagógica foi realizada numa turma de 2.º ano do 1º CEB, composta por 23 alunos/as, sendo 7 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Quatro dos alunos/as estão com uma retenção no 2.º ano de escolaridade, dois deles por terem sido transferidos para Portugal já no decurso do ano letivo anterior e devido à divergência do calendário letivo entre os países de origem (Angola e Brasil) e Portugal.

Relativamente às medidas educativas implementadas, salientam-se três alunas que foram identificadas no âmbito do Decreto-Lei 54.º de 2018 e às quais estão a ser aplicadas medidas universais de suporte à aprendizagem e à inclusão, de onde se destacam a diferenciação pedagógica, o apoio educativo e acomodações curriculares relativas à localização das alunas na sala de aula, à apresentação de conteúdos, à realização de testes e a competências organizativas.

De uma forma geral, o grupo é bastante participativo, dinâmico, muito interessado em aprender, em realizar tarefas e em aceitar novos desafios. É considerado um grupo calmo, e muito unido. É de realçar que constitui um grupo de crianças muito solidários uns com os outros, tendo sempre vontade de ajudar os colegas nas tarefas propostas.

#### **4.2. A amostra**

Depois de explicado às crianças o que se iria fazer, bem como o/s objetivo/s deste estudo, as crianças foram questionadas se queriam participar no estudo, pois cabe ao

investigador a salvaguarda dos seus direitos, interesses e sensibilidades. (Máximo-Esteves, 2008).

A amostra deste estudo é composta por 20 alunos (3 das crianças não aceitaram o desafio), com idades compreendidas entre os 7 e 8 anos, sendo que 14 correspondem ao sexo feminino e 6 ao sexo masculino.

#### **4.3. Organização do tempo**

O grupo tem um horário totalmente preenchido, começando as aulas às 9h00m e terminando com as AEC's às 17h15m. O horário é composto por dois intervalos, um da parte da manhã, com uma duração de 30 minutos, e um intervalo da parte da tarde com a mesma duração. A carga letiva é composta por 7 horas semanais de Português, 7 horas de Matemática, 3 horas de Estudo do Meio, 3 horas de expressões, 1 hora de oferta complementar e 1 hora de apoio ao estudo (ambas repartidas em blocos de 30 minutos). Este horário é flexível consoante as necessidades dos alunos/as.

#### **4.4. Organização e caracterização do espaço exterior**

A abordagem das affordances, tornou inevitável a introdução de uma dimensão desenvolvimental na descrição de espaços ao contrário do que acontece quando é utilizada uma perspetiva baseada na forma, em que as propriedades e os recursos ambientais são considerados independentemente do indivíduo e as suas categorias são exclusivas (Figueiredo, 2015). Assim, neste estudo será feita uma descrição e caracterização do espaço exterior da escola no qual realizámos a investigação bem como a sua organização e também as modificações efetuadas no mesmo ao longo do tempo.



**Figura 5- Vista aérea do espaço escolar (retirado do google maps)**

O espaço escolar, que engloba o espaço exterior e os edifícios, tem uma área total de aproximadamente  $5835 m^2$ , sendo que o espaço exterior tem uma área total de  $4136 m^2$ , nos quais aproximadamente  $624 m^2$  correspondem ao campo de jogos,  $1340 m^2$  às zonas de cimento e  $514 m^2$  aos espaços verdes. Por fim, existem zonas de sombra que correspondem apenas a  $206 m^2$  aproximadamente.

Diferentes aspetos do espaço exterior	
Tipologia de espaço	Espaço de Recreio Tradicional
Dimensão do espaço	Intermédio
Tipo de pavimento predominante	Cimento
Cobertura do espaço	Maioritariamente descoberto
Material utilizado na vedação do espaço	Grade Metálica; Arbustos
Supervisão do espaço	Presença contínua de supervisão do espaço
Nível de segurança	Seguro
Equipamentos presentes no espaço	Equipamentos de recolha de lixo
Infraestruturas presentes no espaço	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bancos;</li> <li>• Bebedouros.</li> </ul>
Acesso aos diferentes espaços	Condicionado
Área(s) para prática desportiva	“Campo de jogos” (futebol e basquetebol)

**Tabela 2- Diferentes aspetos do espaço exterior**

Os espaços exteriores/recreio podem enquadrar-se em quatro categorias: Espaço Recreio Tradicional, Espaço Recreio Designer, Espaço Recreio Aventura e Espaço Recreio Criativo (Frost & Klein, 1979). De acordo com estas quatro categorias, a grelha acima indicada, leva-nos a considerar que o espaço exterior desta escola é um Espaço de Recreio Tradicional, pois é muito estruturado, pouco diversificado e

monótono. O campo de jogos (vermelho) é um local com pavimento em cimento, duas balizas, quatro cestos de basquetebol, e é dividido dos outros espaços por uma rede alta branca. A maior parte do espaço exterior é com pavimento em cimento, tem alguns bancos (rosa) que se encontram maioritariamente perto do campo de jogos e alguns deles perto das árvores, um bebedouro (azul) estrategicamente colocado perto do campo de jogos e por fim uma zona em que estão desenhados jogos no chão (amarelo). Os espaços verdes são cobertos de terra e erva, tendo também maioritariamente árvores de porte médio, duas árvores grandes e alguma vegetação rasteira. Na parte de trás da escola, a vedação presente no comprimento da escola é revestida por cedros, que por sua vez encobrem a visão para o exterior da escola. Na frente da escola, há roseiras e outros tipos de plantas decorativas. De destacar as zonas de sombra (telheiros), também presentes neste espaço exterior, mas em grande minoria, os quais só contêm bancos para as crianças descansarem.

É de destacar que há zonas no espaço exterior condicionadas ao acesso de crianças, tais como as zonas verdes e alguns recantos do espaço que estão delimitadas com fita de sinalização vermelha e branca (zonas assinaladas a roxo na figura nº 6).

A escola, ao longo do tempo, sofreu algumas alterações tanto no seu interior da escola como no espaço exterior. No espaço exterior, a mudança mais visível é a alteração de local do campo de jogos e o surgimento de alguns jogos desenhados no chão (na figura destacada a amarelo) como podemos verificar nas figuras.

## **5. Justificação metodológica**

Madeleine Grawitz (1993), define métodos como um conjunto concertado de operações que são elaborados para atingir um ou mais objetivos, um conjunto de princípios que comandam toda a investigação organizada, uma panóplia de normas que permitem selecionar e coordenar técnicas (Ferreira, 1998).

## **6. Instrumento(s) de recolha de dados**

Para a recolha de dados desde estudo, recorreu-se aos seguintes instrumentos: consulta de documentos, observação livre, registo fotográfico feito pelas crianças do seu local preferido no espaço exterior, realização de uma entrevista semiestruturada e

gravação de voz nas entrevistas para que as respostas transcritas fossem as mais reais e pormenorizadas possível, recolha de propostas escritas das crianças relativamente a alterações do espaço exterior e de desenhos efetuados por cada criança no que respeita a objetos em falta no espaço exterior.

### **6.1. A entrevista**

A “entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (Haguette, 1995) e que “distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana (...) permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy & Campenhoudt, 1998). Segundo Bell (2010, p. 118 citado em Costa, 2014, p. 109), “a grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisa que o inquérito nunca poderá fazer”. A escolha da realização de uma entrevista semiestruturada deve-se ao facto de este “tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas” (Manzini, 1990/91, citado por Manzini, 2004, p.2).

Em concordância com estes aspetos, produziu-se um guião com questões orientadoras, a que Haguette (1995) intitula “roteiro de entrevista” que contém “tópicos previamente estabelecidos de acordo com a problemática central”. para o/a entrevistador/a, se orientar e organizar durante as entrevistas às crianças e ao/a professor/a.

## **7. Procedimentos**

Inicialmente, foi definida a questão-problema bem como os objetivos deste estudo. Depois de bem delineados os objetivos, foram elaboradas duas entrevistas semiestruturadas, uma para as crianças e outra para o/a professor/a cooperante, para ir ao encontro dos mesmos objetivos.

Tendo como princípio de que a criança é um ser social com muitas competências, direitos e voz própria, um dos primeiros procedimentos para este estudo para além do consentimento dos encarregados de educação, foi a liberdade de decisão das crianças acerca da sua participação neste estudo. Assim, primeiramente, foi explicado às crianças como se iria proceder o estudo e de seguida houve um pequeno debate acerca do mesmo para tirar as dúvidas das crianças.

Quanto às entrevistas individuais, a escolha da ordem pela qual se fez a entrevista das crianças foi aleatória. Depois de cada criança ser chamada, foi questionado à criança qual o local favorito, seguidamente foi solicitado que se deslocasse até esse local, guiando o adulto. À chegada ao local favorito, foi explicado a cada criança como funcionava a máquina fotográfica “Instax” e, de seguida, cada criança escolheu a perspetiva que queria para tirar fotografia, depois de fotografado o local, procedeu-se à entrevista. Paralelamente, foi feita uma entrevista à professora da turma.

Foi também solicitado às crianças que se desenhassem a elas próprias com um objeto/brinquedo que gostariam de ter no espaço exterior e que depois e que, escrevessem anonimamente num papel o que gostavam de ter no espaço exterior. No final foi feito um debate em grande grupo sobre as conclusões retiradas sobre as fotografias (espaços favoritos), os desenhos dos objetos/brinquedos e o que escreveram acerca do que gostariam de ter no espaço exterior.

Paralelamente, procedeu-se à transcrição e análise das entrevistas das crianças e do/a professor/a, à categorização das fotos e dos desenhos crianças com os objetos/brinquedos, das respostas escritas pelas crianças sobre o que gostariam de ter no espaço exterior.

### **III- APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**



Neste capítulo, é possível interceder a teoria com a prática, através dos dados recolhidos pela observação, pelas fotografias tiradas pelas crianças e pelas entrevistas feitas às crianças e à professora cooperante.

## **1. Apresentação e análise dos dados**

### **1.1. Análise das observações de registo livre**

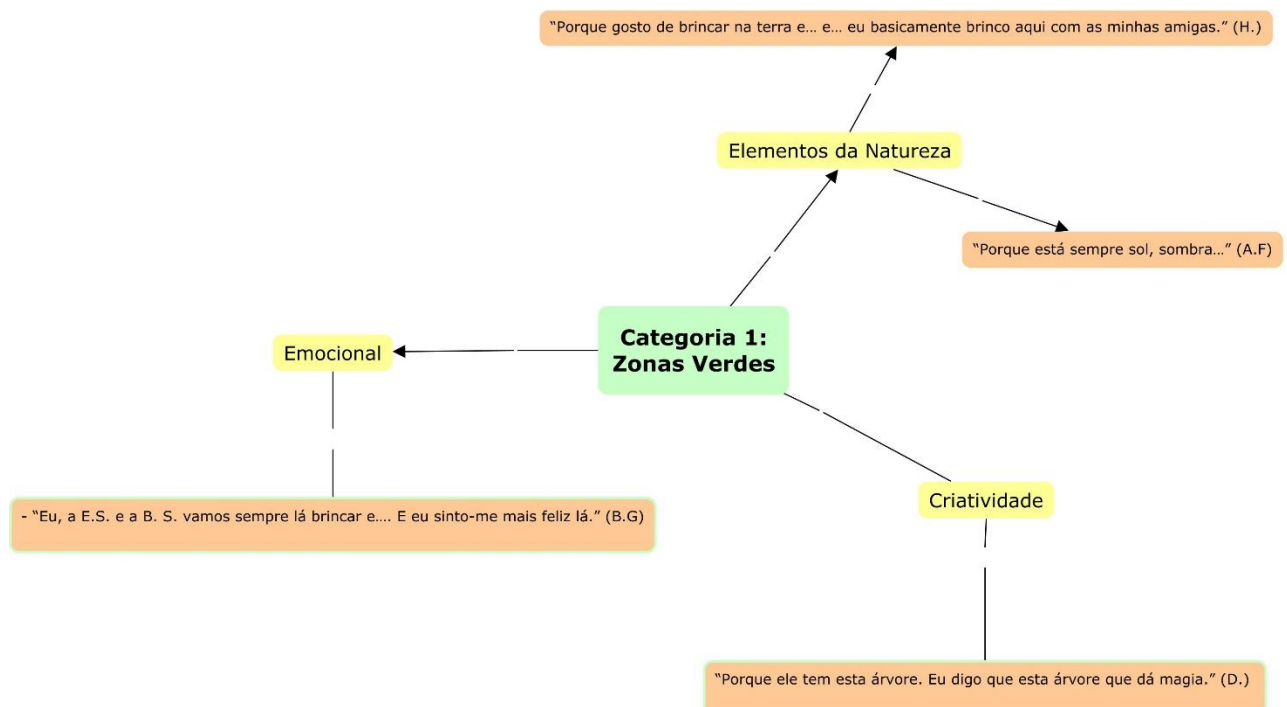
As observações foram efetuadas uma vez por semana, durante três semanas seguidas durante o recreio e o registo das observações foi efetuado numa folha própria para o efeito. Observou-se que, as condições meteorológicas que as crianças vão para o exterior são sempre as mesmas (sol, frio e céu nublado). Quando chove as crianças vão sempre para o pavilhão no interior da escola. Quanto ao tempo que passam no exterior, todos os dias é igual, pois têm sempre dois intervalos cada um com uma duração de 30 minutos e 1h30m depois do almoço (de salientar que as crianças que não têm AEC's só têm um intervalo de 30 minutos de manhã e mais ou menos 1 hora depois do almoço, depois da componente letiva vão longo para casa). Em média por dia passam 2 horas 30 minutos no espaço exterior, contudo a maioria das vezes ficam metade dos intervalos na sala de aula a terminar as tarefas letivas. Nas observações que foram efetuadas, em dois dias, as crianças ficaram mais tempo em sala de aula do que era previsto.

De todos os dias de observação os rapazes mantiveram-se sempre no campo de jogos a jogarem futebol. Duas meninas mantinham-se no campo de futebol, mas não a jogar (uma das vezes a conversar, outra a jogarem à apanhada e no último dia de observação também a jogaram à bola com os rapazes).

As restantes meninas movimentaram-se mais pelo espaço, em pequenos grupos de 3 e 4 elementos. Fizeram ginástica, jogaram à apanhada e brincaram aos pais e mães. Destacou-se uma menina que, em todas as observações que foram feitas andava sempre sozinha pelo espaço sem ter qualquer contacto com outras crianças.

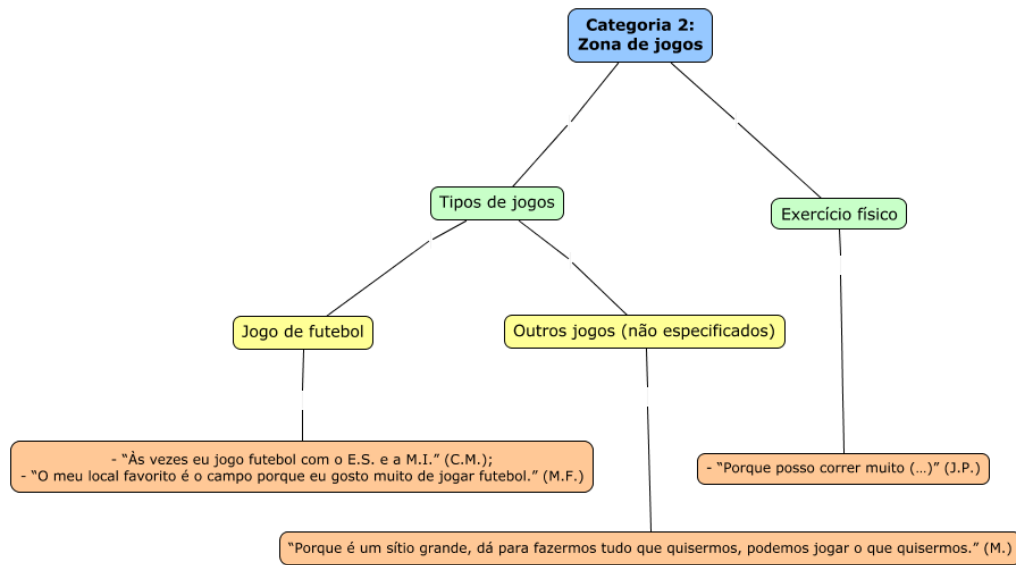
## 1.2. Categorização das fotografias tiradas pelas crianças sobre o local preferido no espaço exterior e a sua justificação.

Antes de iniciar as entrevistas foi solicitado a cada um dos alunos/as que tirasse uma fotografia com uma máquina fotográfica Instax ao seu local favorito no espaço exterior, e de seguida, a primeira questão que lhes foi colocada na entrevista foi o porquê desse espaço ser o seu favorito. Depois de ter transcrito e analisado todas as entrevistas das crianças, categorizei-as em três categorias distintas: **Zonas Verdes**, **Zona de Jogos** e **Zonas Cobertas** (figuras 7,8 e 9).



**Figura 6- Esquema da categoria 1: Zonas Verdes**

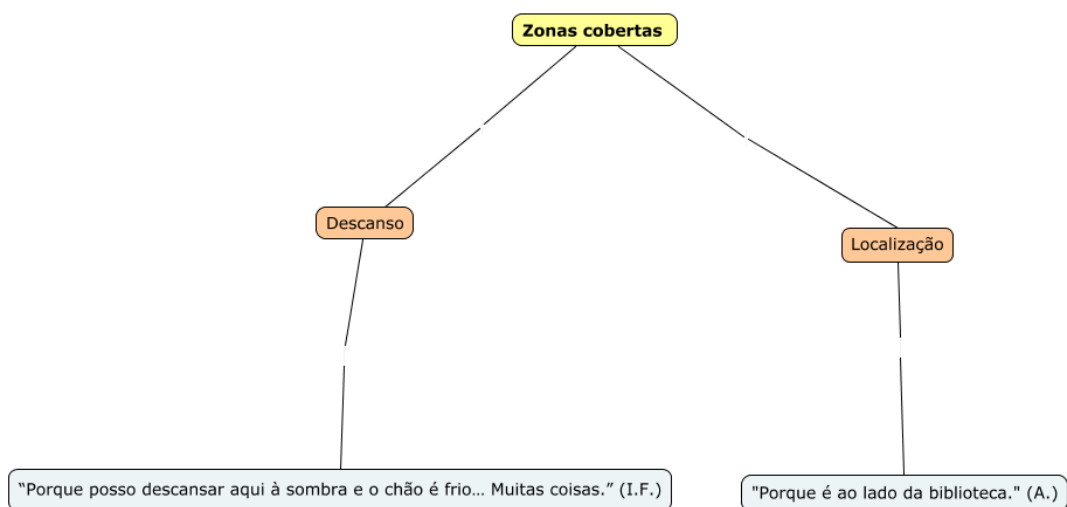
A categoria “ Zonas Verdes”, foi a que deteve uma maior preferência pelas crianças (n=9), todas as crianças fotografaram árvores e arbustos de diferentes perspetivas. Dentro desta categoria, surgem três subcategorias (Emocional; Elementos da natureza; Criatividade) de acordo com as justificações dadas pelas crianças pela preferência dos espaços.



**Figura 7- Categoria 2: Zona de jogos**

O campo de futebol foi uma das zonas dos espaços exteriores que oito crianças consideraram como preferido, sendo as justificações variadas: pelo tipo de jogos que se podem fazer nesse local, como o futebol e outros jogos embora não especificados pelas crianças entrevistadas, tal como pode ser uma zona em que podem praticar exercício físico.

Outra das categorias foi as zonas cobertas.

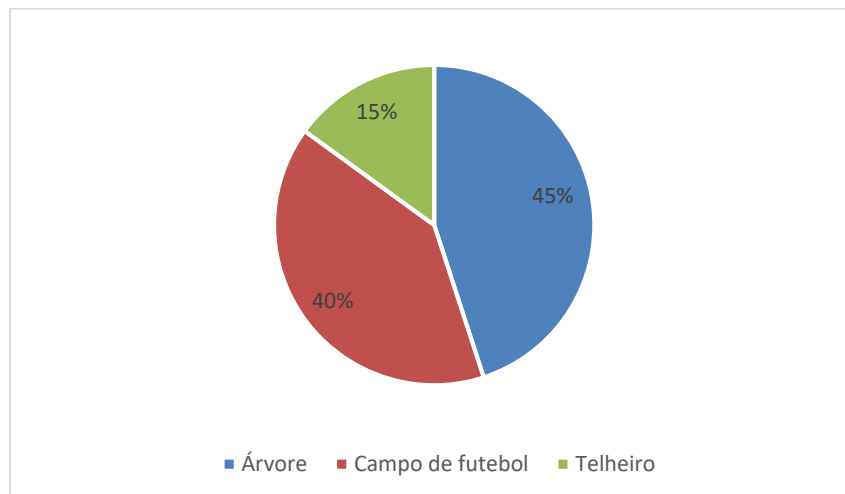


**Figura 8- Categoria 3: Zonas cobertas**

Duas das fotografias dos locais favoritos são diferentes, mas ambas em zonas cobertas, um devido à possibilidade de descanso e outro devido à sua localização.

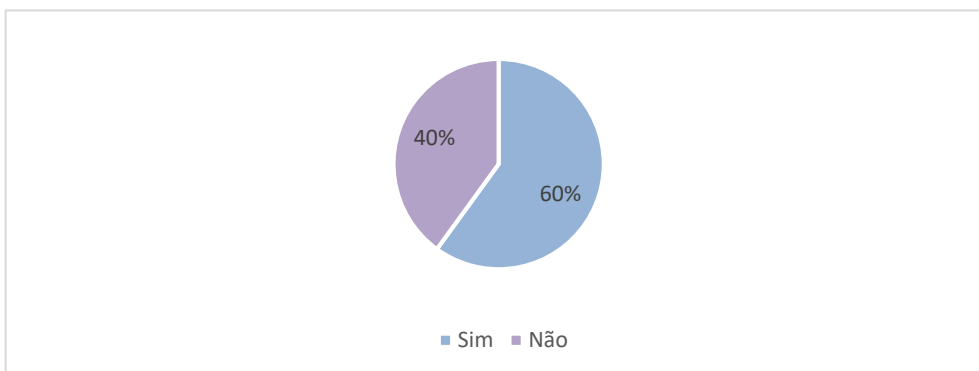
Uma das crianças fotografou uma zona do edifício como sendo o seu local preferido para brincar às cantoras com as amigas e justifica a preferência do local “Porque parece um palco.” (A.S.). Esta criança aproveitou a arquitetura do edifício para brincar (jogo simbólico).

Traduzindo estas categorizações em gráfico, do total da amostra, 45% (n=9) das crianças prefere brincar em Espaços Verdes e 40% (n=8) prefere brincar no campo de futebol. Os restantes 15% (n=3), prefere brincar em zonas cobertas (figura 9).



**Gráfico 1- Gráfico correspondente à questão "Qual o teu local preferido para brincar?"**

Foi questionado às crianças se, no espaço exterior, brincavam sempre com os mesmos amigos. O gráfico 2 ilustra as respostas dadas pelas crianças durante a entrevista.

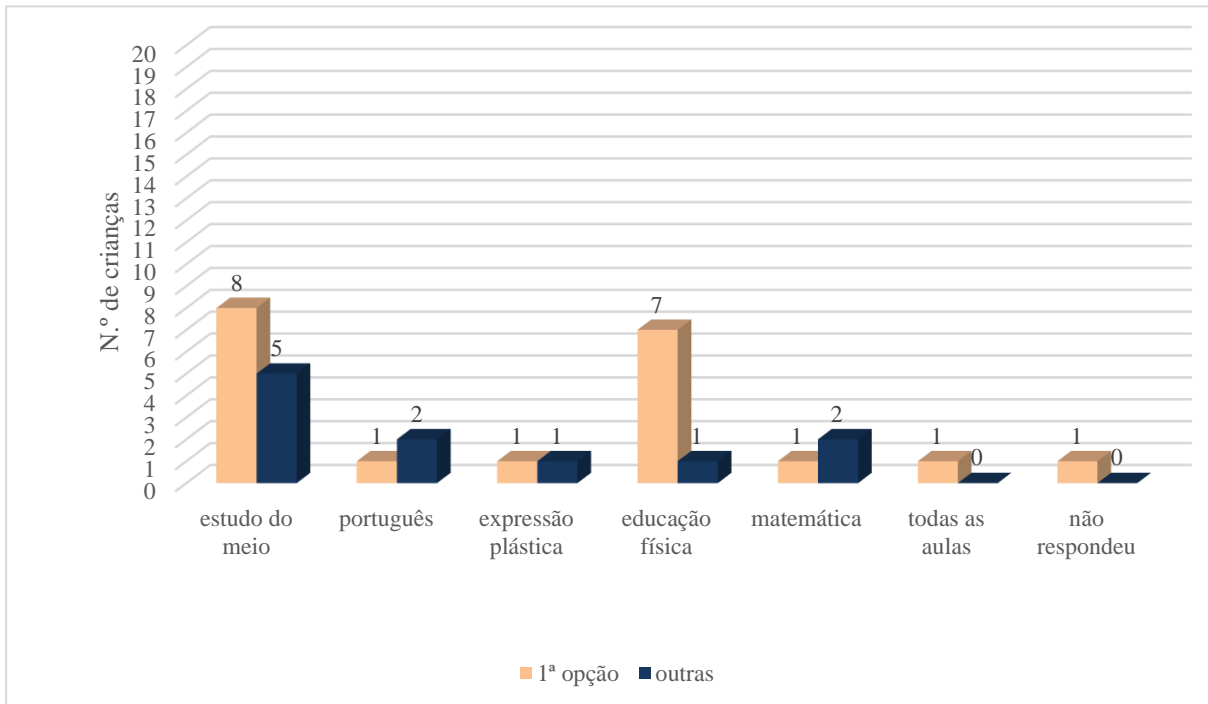


**Gráfico 2- Gráfico correspondente à questão "Brincas sempre com os mesmos?"**

Assim, no que diz respeito à relação social entre crianças, podemos verificar que a maioria das crianças entrevistadas 60% (n= 12) brinca/joga sempre com os mesmos, já 40% (n=8) não brinca sempre com as mesmas crianças. As crianças entrevistadas que responderam que brincam sempre com as mesmas crianças dão diversas justificações “Porque às vezes os outros não querem brincar comigo e só querem jogar futebol.” (C.M.); “Porque são as minhas amigas” (A.F.); “Sim porque não gosto de brincar muito no campo de futebol e também gosto mais de brincar com as minhas amigas (...)” (H.); “Porque são as pessoas eu confio mais” (M.M.); “Porque tenho um pouco de dificuldade em fazer amizades. Os outros é que têm que fazer as amizades por mim.” (I.F); “Porque gosto de brincar com eles.” (A.); “Porque eu não tenho mais amigos e os outros gozam...” (E.); “Porque eu gosto mais delas. Porque a B.S. andava comigo no infantário e quando a E.S. veio para cá gostei muito dela” (B.G.).

Destaca-se ainda dois casos em que as crianças responderam à questão: “Brincas sempre com os mesmos?”, e que depois de lhes perguntar o porquê apercebemo-nos de brincava sempre com os mesmos colegas. Numa das entrevistas, a criança referenciou que quando não brincava com eles/as brincava sozinha: “Às vezes brinco sozinha.” (D.). As justificações ficaram a dever-se às relações de amizade estabelecidas, empatia entre algumas, à dificuldade em estabelecer relações e ainda ao tipo de espaço.

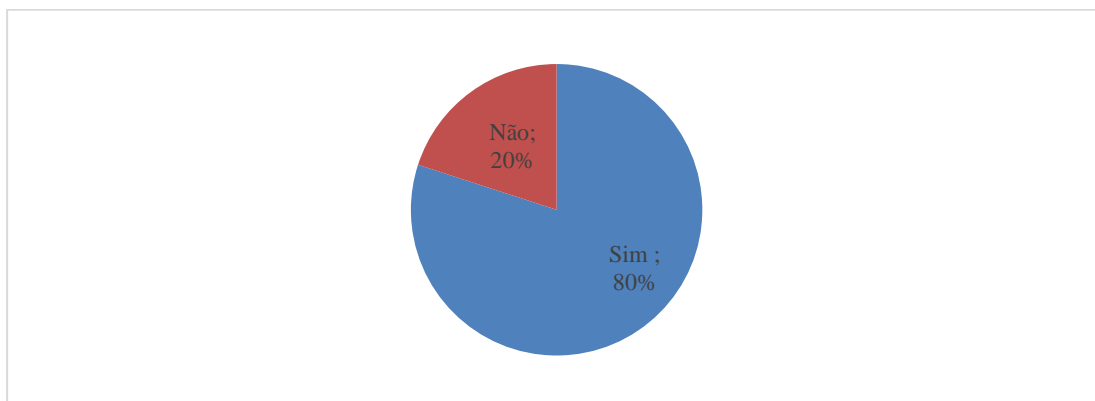
Questionadas se gostariam de ter algumas aulas no exterior, todas as crianças (n=20) responderam afirmativamente. Seguidamente considerou-se pertinente acrescentar outra questão subjacente a esta: “Que aulas gostarias?” Surgiu assim uma panóplia de disciplinas referidas pelas crianças. Foi então elaborado o gráfico 3, com todas as disciplinas mencionadas pelas crianças destacando a primeira opção das mesmas.



**Gráfico 3- Gráfico correspondente à questão "Que disciplinas gostavam que fossem lecionadas no espaço exterior?"**

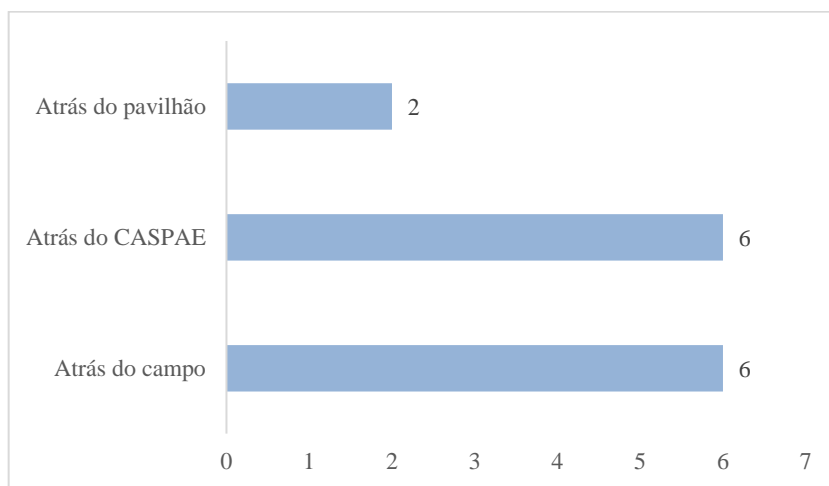
Podemos verificar que a disciplina mais mencionada pelas crianças para serem lecionadas no exterior é o Estudo do Meio com 8 crianças e, logo de seguida, a Educação Física. De realçar que uma das crianças referiu que gostava que fossem “todas as aulas” e que outra criança, mesmo tendo dito que gostava de ter aulas no exterior, não respondeu à questão.

Quando questionados se existem locais onde gostariam de brincar e não lhes é permitido, 80% da amostra (n=16) responderam afirmativamente.



**Gráfico 4- Gráfico de respostas à pergunta "Há algum sítio no exterior que gostasses de brincar e não podes?"**

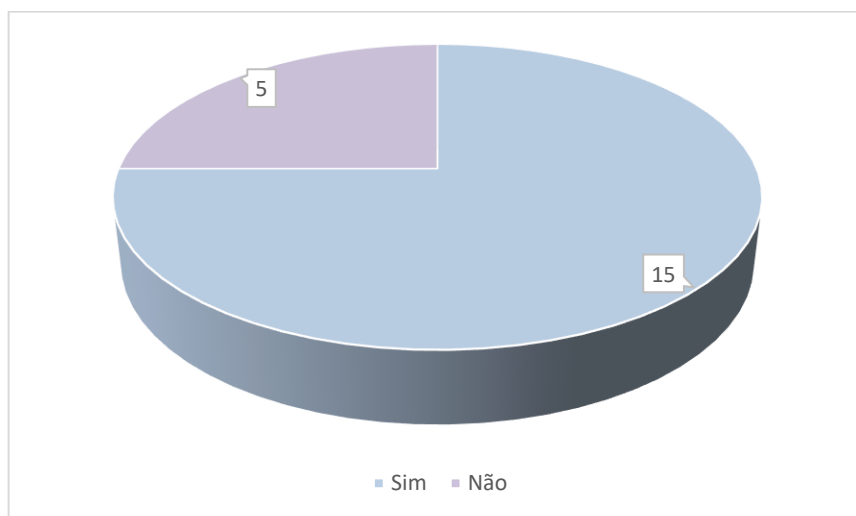
Das crianças que responderam afirmativamente, verificámos que são os mesmos, como podemos comprovar no gráfico 5:



**Gráfico 5- “Onde gostariam de brincar e não podem?”**

30% das crianças (n=6) inquiridas mencionaram que gostariam de brincar atrás do edifício do CASPAE, para “Saltar à corda (...) brincar com as raquetes.” (C.M.), porque “tem muitas flores, há lá muitas folhas (...) Eu gosto de brincar com elementos naturais! Mas só que não deixam...Não deixam brincar com a terra!” (I.F.).

Por fim, foi questionado às crianças se, no espaço exterior, mudariam alguma coisa (gráfico 6).



**Gráfico 6- “Mudavas alguma coisa no exterior?”**

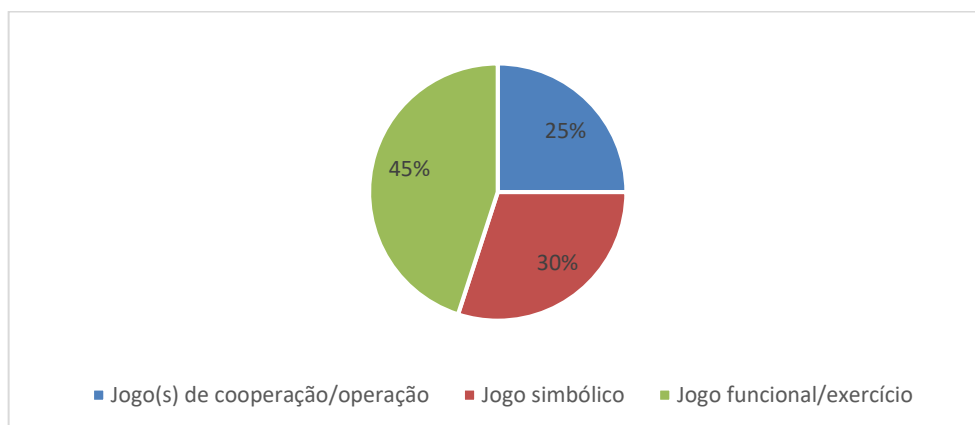
Como podemos verificar pelo gráfico 6, a grande maioria das crianças (n=15) inquiridas, mudaria alguma coisa no espaço exterior. A panóplia de sugestões para mudar alguma coisa no espaço exterior foram das mais variadas, houve crianças que gostariam de colocavam novos equipamentos (escorregas, baloiços, parque infantil,..), outras trocavam equipamentos ou jogos por outros (trocar redes antigas por novas, trocar as cordas por pedras coloridas,...) e uma mudava o campo de futebol de lugar.

### 1.3. Categorização dos jogos referenciados pelas crianças nas entrevistas

Durante as entrevistas, as crianças fizeram referência a muitos jogos. Para que fosse mais fácil tratar os dados relativos aos jogos referenciados pelas crianças, foi necessário fazer uma categorização dos jogos referenciados nas entrevistas para que fosse mais fácil trabalhar os dados, depois, posteriormente se fazer uma análise precisa dos tipos de jogos quanto à dimensão motora.

	<b>Jogo(s) de exercício (dimensão motora)</b>	<b>Jogo simbólico (dimensão cognitiva)</b>	<b>Jogo corrida/perseguição (dimensão motora) e com regras (dimensão cognitiva)</b>
<b>Jogos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo de futebol;</li> <li>• “Sr. Doutor”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Pais e mães”</li> <li>• “Polícias e ladrões”</li> <li>• Fadas;</li> <li>• Super-heroínas</li> <li>• Cozinheiras</li> <li>• Aventureiras</li> <li>• “Avós”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apanhada;</li> <li>• Escondidas;</li> <li>• Rodas e pinos;</li> <li>• 15;</li> <li>• Cabra-cega;</li> <li>• Macaca;</li> <li>• Lencinho;</li> <li>• Gavião;</li> <li>• Rabo da raposa.</li> </ul>
<b>Nº de alunos</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>9</b>

Tabela 3- Categorização dos jogos referenciados pelas crianças nas entrevistas quanto à dimensão cognitiva



**Gráfico 7- Tipos de jogos quanto à dimensão motora**

Assim, quando foi questionado às crianças ao que mais gostavam de brincar, tal como evidenciado no gráfico (figura 14), 45% (n=9) revelaram preferir jogos funcionais/exercício, com maior prevalência para os jogos da apanhada e das escondidas. Segue-se 30% (n=6) da amostra com preferência por jogos simbólicos, maioritariamente “às mães e aos pais”. Por fim, um quarto das crianças (n=5) prefere jogar futebol (gráfico 7).

#### **1.4. Análise da entrevista da professora cooperante**

Através da entrevista realizada à professora cooperante (anexo 3), pudemos analisar a(s) perspectiva(s) de um adulto sobre o espaço exterior.

Constatamos que a professora refere que algumas crianças gostam de brincar no espaço exterior, mas com algumas dúvidas do que está a afirmar, contradizendo-se quando nos refere que gostam de estar no exterior, mas só com um adulto e que quando são deixados livremente vão para a sala brincar no quadro.

Quando questionada sobre a planificação de aulas/atividades no exterior, a professora responde muito convictamente que planifica muito poucas aulas no exterior, justificando-se com a “quantidade de conteúdos programáticos das disciplinas nucleares...” dizendo que os conteúdos programáticos “(...) não nos libertam para brincar tanto tempo cá fora(...)” conclui dizendo que as poucas atividades que

planifica para o exterior, algumas são livres mas que outras têm como objetivo “consolidar/desenvolver conhecimentos das disciplinas nucleares”.

Quando questionada se as crianças deveriam passar mais tempo no exterior, a professora diz-nos que sim, mas que para que tal aconteça “o Ministério teria que libertar tempo em termo dos conteúdos programáticos”.

Sendo importante que o/a professor/a sempre que possa, deve observar as crianças no exterior, foi colocada a questão se efetivamente observa as suas crianças no exterior. A esta questão a professora refere que às vezes as observa e que gosta de ver a forma como brincam salientando que “muitas das vezes não observo porque acho que condiciono as brincadeiras”.

Quando questionada se já tinha reparado como é que as suas crianças interagem com as outras e se as brincadeiras entre elas é com as crianças da turma ou com outras crianças da escola, afirma que as brincadeiras é entre turma havendo casos pontuais de crianças “que já estão a frequentar pela segunda vez o 2º ano, pronto, já tinham os amiguinhos nessa turma e já vão para esses amiguinhos às vezes” e que toda a turma não se junta, “mas que temos grupos aqui e ali, mas muito cingido à turma e pontualmente é que eles procuram crianças de outra turma”.

Para terminar a entrevista, foi colocada a questão “O que é que mudava no espaço exterior?”, a professora respondeu que “colocaria mais espaços onde tivessem jogos e brincadeiras que eles pudessem fazer livremente, mas com jogos determinados...” referindo que assim não haveria o risco das crianças se limitarem a correr e muitas das vezes andarem uns contra os outros. considera necessário que sejam criados espaços/cantinhos para jogos e brincadeiras específicas, levando a “...uma brincadeira livre, mas organizada.”, concluindo que “aquele era o espaço para fazer o jogo X, ainda que eles soubessem que estavam a brincar livremente sem que os estivessem a controlar nem a cortar liberdades”.

### **1.5. Análise dos desenhos feitos pelas crianças e a disposição dos mesmos**

Na fase final do estudo, foi solicitado às crianças que se desenhassem a elas próprias juntamente com um objeto/brinquedo que gostassem de ter no espaço exterior (anexo 5), para depois colarem na planta do espaço exterior elaborada por elas.

Oito crianças desenharam-se com uma bola, cinco crianças desenharam brinquedos, todos eles diferentes (destacando uma criança que desenhou um baú com brinquedos no interior) e duas crianças desenharam um animal, uma desenhou um cão e outra um pato. Houve duas particularidades, uma criança desenhou-se com uma corda de saltar, e outra criança desenhou um lápis. As restantes crianças (n=3) desenharam-se com um boné.

A grande maioria das crianças (n=15) colocaram-se na planta da escola, nos locais por elas ditos preferidos na entrevista. Cinco crianças, do sexo feminino, colocaram-se juntas noutra local diferente dos preferidos delas. É de salientar que o local onde se colocaram é na imediação dos locais favoritos, exceto de uma criança.

#### **1.6. Categorização das sugestões escritas pelas crianças**

No final do estudo, foi solicitado às crianças que escrevessem num papel, anonimamente, o que gostavam mais de ter no espaço exterior da escola. Depois de lidas as sugestões e analisadas, surgiram seis categorias (Jogos, Atividade Física, Elementos Naturais, Brincar, Animais, Continuação do interior), baseadas nas sugestões das crianças.

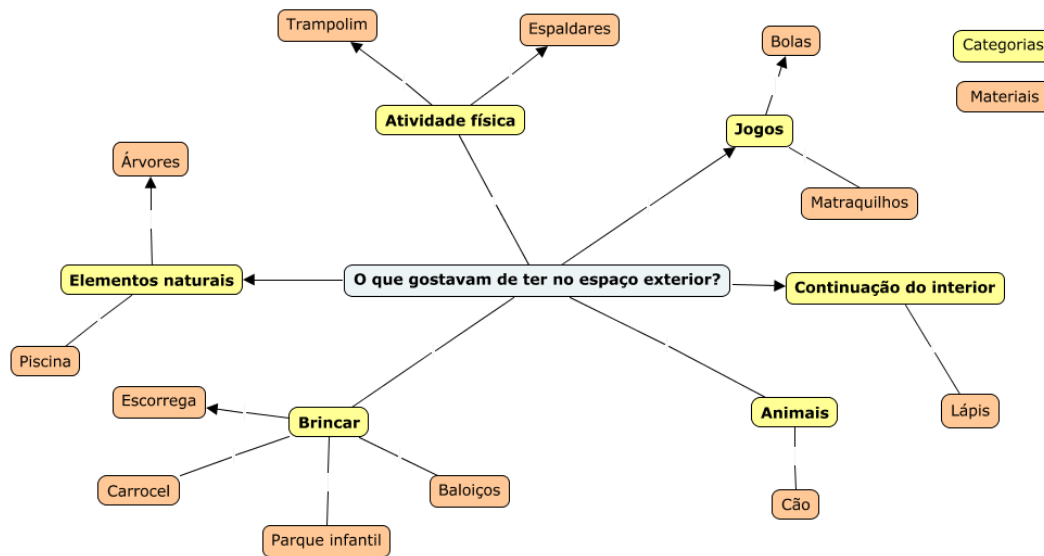


Figura 9- Categorização consequente da questão "O que gostavas de ter no espaço exterior?"

A categoria com maior número de respostas foi **“Brincar”** (n=9), esta categoria tem este nome pois todas as crianças que gostariam de ter um escorrega (n=1), um carrocel (n=1), um parque infantil (n=3) e baloiços (=5) justificou estes materiais com o brincar. Dentro desta categoria todos os materiais sugeridos são materiais/equipamentos fixos.

A categoria **“Jogos”** (n=2), tem como materiais os matraquilhos (n=1), um material fixo, e as bolas (n=1), material solto/móvel.

Outra das categorias foi designada por **“Atividade física”** pois faz referência a materiais fixos de exercício físico sendo estes: espaldares (n=2) e trampolim (n=1).

**“Elementos naturais”** foi outra categoria que surgiu pois, uma criança gostaria de ter mais árvores (material de natureza fixo) e duas crianças fazem referência a piscinas para terem um maior contacto com água (material de natureza solto).

Por fim, temos duas categorias distintas, uma delas intitulada por **“A continuação do interior”** em que uma das crianças gostaria de ter um lápis (material solto/móvel) no espaço exterior justificando que com um lápis “posso fazer muitas coisas (desenhos, trabalhos...)”. Foi referido por uma criança que gostaria de ter um cão no espaço exterior da escola surgindo assim a categoria **“Animais”**.

## 2. Discussão dos dados

Depois da apresentação e análise dos dados, é necessário fazer uma discussão acerca dos mesmos.

Durante três semanas de observação livre e com o decorrer da prática pedagógica, podemos verificar que ao contrário dos países nórdicos, e muito por consequência da cultura portuguesa, que as crianças só saem à rua com condições climáticas específicas (temperaturas amenas e sem pluviosidade), tal como é descrito no estudo de Figueiredo (2015). As crianças da amostra sempre que estivesse muito frio e principalmente chuva, não saíam para o exterior ficando sempre no pavilhão. Com o registo fotográfico, podemos conhecer os locais preferidos das crianças para brincar e verificou-se que a maioria das crianças (n=9) prefere locais com elementos da natureza indo ao encontro do estudo de Burke (2005, citado por Figueiredo, 2015) que as crianças demonstram a sua preferência por espaços onde possam brincar livremente, espaços mais informais, onde possam brincar com os vários elementos da natureza (relva, terra, troncos...) outros autores citados por Figueiredo (2015), estes elementos não devem estar apenas presentes porque as crianças gostam, mas também porque o “contacto com a natureza parece ser uma necessidade humana” (Woolley, 2008; Woolley & Low, 2013).

Com as entrevistas feitas às crianças, foi possível averiguar o que as crianças mais gostam de fazer no exterior, sendo que todas elas responderam que gostam de brincar e jogar. Surge maioritariamente os jogos com regras tais como “cabra-cega” “lencinho”, “gavião” e o “rabo da raposa”. Este resultado vem em concordância com a teoria de Piaget (1978), em que o jogo com regras surge no período das operações concretas (7-12 anos), prolongando-se até ao período das operações formais e que este tipo de jogo, apresenta-se na vertente socializada, sendo cruciais as regras e as relações de cooperação entre os pares. É de destacar que nas crianças inquiridas surge ainda jogos de carácter simbólico tais como “pais e mães” e “polícias e ladrões”, que surgem, segundo Piaget (1978), no período pré-operacional (2-6 anos). É através deste jogo que a criança interage com o mundo e representa-o simbolicamente inventando papéis e objetos (Piaget, 1978). E na dimensão motora, surge também

jogos de exercício (1-6 anos) tal como o “jogo de futebol”, e que esta fase de jogo corresponde a um momento de grande exaltação física e motora, através de experiências que envolvam movimentos fortes de corrida, saltos, e manipulações e com um grande significado social e biológico (Neto, Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor, 2004). Podemos concluir que tanto na dimensão cognitiva como na dimensão motora, a maioria dos jogos prevalece dentro das faixas etárias defendidas pelos autores, mas que ainda são praticados outros jogos nas categorias próximas.

Também com as entrevistas, foi possível analisar a relação social entre crianças. Neste aspeto, verificámos que maioria das crianças entrevistadas 60% (n= 12) brinca/joga sempre com os mesmos, já 40% (n=8) não brinca sempre com as mesmas crianças. O brincar sempre com as mesmas crianças pode estar intimamente relacionado com a amizade. Com o tempo, as crianças desenvolvem relacionamentos especiais com determinados colegas (Kail, 2004), aproximando-se porque têm atitudes similares em relação à escola, à diversão e ao futuro (Kail, 2004). É de destacar que, em relação à dimensão social do jogo, das crianças entrevistadas (n=20) e juntamente com as observações livres que foram feitas, 19 crianças jogam cooperativamente, ou seja, segundo Parten (1932,1933), existe um nível elevado de interação entre os pares: as crianças partilham, substituem-se e deixam que algumas assumam a liderança do grupo (Figueiredo, 2015). Uma criança, tal como referi anteriormente (ver 1.1 da Apresentação, análise e discussão de dados) brinca e anda sempre sozinha. Durante a entrevista, disse-nos que brinca sempre com uma menina e às vezes com mais três meninas, o que não corresponde com a observação feita, mas quando questionada o porquê de brincar sempre com as mesmas meninas admite que “(...) tenho um pouco de dificuldade em fazer amigas” (I.F.). Considerámos que, com o cruzamento de informação dada pelas observações livres no exterior e pela entrevista que esta criança, quanto à dimensão social, abarca o jogo solitário. Isto porque não parece à vontade no contacto com os outros nem na interação, e escolhe desenvolver uma atividade de jogo (Figueiredo, 2015).

Foi possível averiguar se as crianças gostariam de passar mais tempo no exterior, e todas as crianças que foram questionadas (n=20) afirmaram que gostariam de passar mais tempo no espaço exterior para brincarem mais, e tal como observado e referido

anteriormente (ver 1.1 da Apresentação, análise e discussão de dados), as crianças passam muito pouco tempo no espaço exterior ( $\approx 2h30m$ ). Este tempo estimado pelas observações ao longo do tempo vem de acordo com (Mendes, Neves, Lourenço, & Diogo, 2018) em que a tendência se situa entre brincar 2 a 3 horas (25%) por dia.

Os espaços que identificámos sendo os que as crianças gostavam de brincar e não podem, são em locais mais escondidos e que há uma grande presença de elementos da natureza (terra, paus, folhas, erva,...), de salientar que estes mesmos espaços estão interditos a crianças. Estes espaços para as crianças envolvem o mistério, a fantasia, o que lhes suscita curiosidade e vontade de lá brincar. Estes espaços propiciam muito o contacto com a natureza podendo aqui fazer um paralelismo com o que Richard Louv (2017) designa por “Transtorno do défice da natureza”, sendo um conceito concebido pelo autor em que este termo foi criado para definir várias questões físicas e mentais associadas, na grande maioria, a uma vida longe da natureza. Este autor refere que, em muitos países, a sociedade está a ensinar as crianças a evitarem experiências diretas com a natureza (Louv, 2017), e ao interditar estes espaços estão a fazer com que as crianças não contactem com a natureza como deviam.

Comparando, os resultados da questão colocada na entrevista se as crianças mudavam alguma coisa no espaço exterior, com a questão colocada no final deste estudo “O que gostavas de ter no espaço exterior?”, que foi escrita anonimamente num papel por cada criança, podemos reter que algumas das respostas são semelhantes em momentos distintos, mas que nas entrevistas houve crianças ( $n=5$ ) que não mudariam nada no espaço, já no segundo momento, talvez por terem mais tempo para pensar e não terem pressão como numa entrevista todas elas sugeriram algo que gostassem de ter no espaço exterior. Conseguimos perceber que tipo de materiais gostariam de ter no espaço exterior, sabendo que a maioria gostaria de ter equipamentos fixos, tais como os baloiços e parques infantis, e equipamentos móveis como lápis e bolas. Quanto aos brinquedos que gostariam de ter, a grande maioria gostaria de ter bolas e peluches/bonecos. É de destacar uma das crianças que desenhou um lápis, justificando a sua pertinência para a elaboração de trabalhos e desenhos.

Embora não fizesse parte do estudo, depois de escutar as crianças começámos por pensar em atividades que permitissem as crianças terem mais contacto com o espaço exterior. De um dos locais proibidos, tornámo-lo permitido ao construir com as crianças no âmbito de Estudo do Meio criámos uma horta, posteriormente, fizemos aulas de Expressão Físico-Motora no espaço exterior e alguns jogos tradicionais incluindo conteúdos matemáticos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A execução deste relatório final, teve como objetivo fulcral mostrar a importância do/s espaço/s exterior/es em 1º Ciclo do Ensino Básico, da interação criança-espaço exterior e do que as crianças podem beneficiar com este espaço. Em contexto escolar, o/a professor/a deve aproveitar o que este espaço tão rico pode proporcionar às crianças, tanto a nível de aprendizagem como a nível desenvolvimental e deve estar atento e observar as crianças não só em sala de aula como também no exterior.

Ao longo da formação académica e ao longo da prática, tivemos a perceção que é crucial nesta profissão que sejamos reflexivos sobre as nossas práticas e que estejamos sempre em constante formação. Ao refletirmos sobre as nossas práticas, podemos mudar a nossa atitude e ajustar da melhor forma as nossas práticas ao/s contexto/s, nunca nos esquecendo de que todas as nossas ações e decisões têm influência direta na criança.

Com a formação académica e o contacto com a realidade em contexto de jardim de Infância e de 1º Ciclo em contexto de estágio, foi-nos permitido desenvolver competências e colocar em prática muitos ensinamentos. Permitiu-nos perceber que a criança é um ser competente, capaz de pensar por si, detentora de conhecimentos e capaz de tomar decisões, por isso devemos ter mais atenção, escutá-las e respeitar os interesses de todas e de cada uma delas em particular. Concedeu-nos também a oportunidade de gerir grupos, conflitos e de saber contornar as situações imprevistas. Estando em realidade de estágio percebemos de que é importante estimular as crianças e fazer com que se interessem e entusiasmem para que a aprendizagem seja mais fácil.

Centrando-nos mais neste estudo, quanto à interação criança-espaço exterior, foi denoto neste estudo que o espaço sendo exatamente igual para todas as crianças, as crianças interagiram de maneiras diferentes com o espaço, apropriavam-se dele cada uma à sua maneira e que para além de brincarem, adquiriram competências a nível desenvolvimental e de aprendizagem. Com este estudo podemos concluir que é evidente que a vida moderna tende a limitar de diversas maneiras as oportunidades das crianças para o brincar livre (Whitebread et al., 2012; Figueiredo citado por Coelho & Vale, 2017) e que as práticas e atitudes culturais em relação à

disponibilização de tempo e de espaço não são as mais favoráveis (Coelho & Vale, 2017), estando comprovado neste estudo quando só nos intervalos é que as crianças vão ao exterior e só vão quando as condições climatéricas estiverem amenas. Foi notório com as entrevistas de que há uma grande necessidade e vontade das crianças passarem mais tempo no exterior, e de que precisam de ter um maior contacto com a natureza. Quanto ao adulto, as suas preocupações com a segurança demarcam o acesso a espaços abertos, onde o brincar ativo e com crianças de diferentes idades seria possível, podendo ajudar a atividades de brincar mais sedentárias e menos saudáveis (Coelho & Vale, 2017). Este estudo revelou-se um grande desafio, a nível pessoal e profissional, trouxe muitas emoções à flor da pele, muitas noites mal dormidas e muitas inseguranças, mas também nos trouxe muitas aprendizagens, alegrias com as crianças e mais conhecimento sobre a temática.

Concluimos este trabalho com uma citação de Carlos Neto (2016), que defende em entrevista ao Observador que *“Se uma criança não brinca, não pode ser feliz, se não é feliz não pode aprender, e se, por sua vez não pode aprender, não poderá crescer de forma autónoma”* (sp.), deixando que (futuros) educadores/professores, profissionais desta área reflitam sobre esta frase que, hoje em dia, na educação faz todo o sentido, apelando que (re)pensem nas práticas e que reflitam sobre elas. A educação, principalmente o 1º CEB continua muito enraizado com métodos tradicionais, e cabe-nos a nós (futuros) profissionais de educação mudar estes métodos e nos deixarmos de acomodações para o bem das nossas crianças. Por isso, escutem as crianças e deixem-nas ter mais contacto com o exterior e brincar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**





- Bento, G. (2015). Investigar em Educação - IIª série. *Infância e espaços exteriores - perspectivas sociais e educativas na atualidade*, pp. 131-140.
- Bento, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre. Oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem fora de portas*. Porto: Porto Editora.
- Bilton, H., & G. e Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M. A. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coelho, A., & Vale, V. (2017). Reflexões em torno do brincar em contextos de educação de infância. *Revista Observatório*, 316-337.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2001). *Research methods in education*. Oxon: Routledge.
- Cordovil, R., Lopes, F., & Neto, C. (2018). Caracterização dos espaços de jogo e recreio na área metropolitana de Lisboa em 2017. Em P. Rodrigues, A. Rebole, F. Vieira, A. Dias, & L. Silva, *Estudos em desenvolvimento motor da criança* (pp. 159-164). Lisboa: Edições Piaget.
- Costa, C. P. (2014). *Aprender Brincando: A atividade Lúdica na Construção de Aprendizagens, na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada : Universidade dos Açores: Departamento de Ciências da Educação.
- Curtis, A. (2005). O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias . Em J. R. Moyles, & e. colaboradores, *A excelência do brincar*. Porto Alegre : Artmed.
- Dias, G., & Mendes, R. (2016). As potencialidades do jogo no desenvolvimento da criança. Em R. Mendes, G. Dias, J. Amado, & O. Vasconcelos, *Jogos e brinquedos populares: Tradição, Património e Legado* (pp. 1-11). Coimbra: Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Ferreira, M. M. (1998). Aprofundamento temático. Em H. Carmo, & M. M. Ferreira, *Metodologias da investigação: Guia para a auto-aprendizagem* (pp. 175-186). Lisboa: Universidade Aberta.
- Figueiredo, A. (2015). *Interação criança-espaço exterior em Jardim de Infância (não publicado)*. Aveiro: Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.

- Haguette, T. (1995). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Kail, R. V. (2004). *A criança*. São Paulo: Prentice Hall.
- Kishimoto. (1994). *O jogo e a educação infantil*. Obtido em 14 de agosto de 2019, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10745/10260>
- Kishimoto. (1997). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Cortez.
- Kishimoto, T. (maio/agosto de 2010). Brinquedos e brincadeiras da educação infantil do Brasil. *Cadernos de Educação de Infância* (nº90), 4-7.
- Krishnan, V. (2010). Early Child Development: A Conceptual Model. *Valuing Care*. Nova Zelândia.
- Manzini, E. J. (2004). *Entrevistas semi-estruturadas: Análise de objetivos e de roteiros*.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora, Lda.
- Mendes, R., Neves, L., Lourenço, A., & Diogo, M. (2018). *Portugal a Brincar: Relatório do brincar de crianças portuguesas até aos 10 anos*. Coimbra.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. Em *Estudos de Psicologia* (pp. 121-130).
- Moyles, J. R., & al, e. (2006). *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed.
- Neto, C. (1997). Tempo e espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. Em C. Neto, *O jogo e o Desenvolvimento da criança* (pp. 10-22). Lisboa: Edições FMH.
- Neto, C. (2003). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Neto, C. (2004). Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor. *Congresso Europeu de Psicomotricidade*, (pp. 1-17). Lisboa.
- Neto, C. (2005). A mobilidade do corpo na infância e desenvolvimento urbano: um paradoxo da sociedade moderna. Em D. Rodrigues, & C. Neto, *O corpo que (des)conhecemos* (pp. 15-30). Lisboa: Edições FMH.
- NAEYC - National Association of Early Childhood Specialists in State Departments of Education. (1997). *The value of school recess and outdoor play*.
- Papalia, D., Olds, S., & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. MacGraw-Hill de Portugal.
- Pediatrics, A. A. (2011). The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child. *Pediatrics*, 204-214.

- Pereira, V., Condessa, I., & Pereira, B. (2013). Contributo dos jogos realizados nos recreios do 1º Ciclo para o desenvolvimento motor da criança. Em I. M. Carvalhal, E. Coelho, J. Barreiros, & O. Vasconcelos, *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança VI* (pp. 189-195). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rebolo, A., & Baião, A. C. (2015). No recreio da escola gosto de brincar (onde e como). Em V. P. Lopes, & C. Gonçalves, *Estudos do Desenvolvimento Motor da Criança VIII* (p. 164 a 169). Bragança: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.
- Ridgway, A., Quiñones, G., & Li, L. (2015). *Early childhood pedagogical play*. Austrália: Springer.
- Rolim, & Tassigny, G. (julho/ dezembro de 2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades v.23*, 176-180.
- Santos, L., & Cordeiro, A. M. (2014). Espaço, Natureza e Sociedade. A Geografia na estratégia 2020 da Região Centro. *Rede Escolar do 1º Ciclo do Ensino Básico em Portugal: evolução a partir de meados do século XX e principais fatores condicionantes no âmbito do planeamento e gestão* (pp. 195-203). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Vale, M. J. (2013). Brincadeiras sem teto. *Cadernos de Educação de Infância nº98*, 11-13.
- Van der Kooij, R. (2003). O jogo da criança. Em C. N. (ed.), *Jogo e desenvolvimento da criança* (pp. 33-56). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Vasconcelos, T. (2009). *A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras*. Textos Editores.
- White, J. (2011). Outdoor Provision in Early Years. Em J. White, *Capturing the difference* (pp. 12-22). London: Sage Publication Ltd.

## **ANEXOS**



## Anexo 1 – Consentimento informado

### Autorização aos Encarregados de Educação

Pedimos a autorização para o seu educando participar num estudo a realizar no âmbito do estágio de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Ensino Básico. Os instrumentos de recolha de dados são os seguintes: testes sociométricos, registos áudio, questionários e recolha de produções escritas dos alunos.

A informação recolhida será confidencial, não aparecendo o nome dos alunos em qualquer documento público.

Agradecemos desde já a sua colaboração que é imprescindível para a realização deste estudo.

**Autorizo / não autorizo** (riscar o que não interessa) o meu educando \_\_\_\_\_ a participar no estudo.

### Encarregado de Educação

\_\_\_\_\_

### As estagiárias

Ana Santos

\_\_\_\_\_

Sara Castilho

\_\_\_\_\_

Susana Beja

\_\_\_\_\_

## **Anexo 2- Guião de entrevistas crianças e professora**

**Nota:** Primeiramente será questionado às crianças em grande grupo quem quer participar nesta entrevista. A participação será de livre e espontânea vontade das crianças.

**A entrevista irá decorrer no local preferido da criança no espaço exterior da escola.**

- 1- Porque é que este local é o teu preferido?
- 2- Onde gostas mais de brincar? Porquê?
- 3- O que gostas mais de fazer no exterior? Porquê?
- 4- Brincas com quem?
- 5- (Brincas sempre com os mesmos? Se sim, porque é que só brincas com eles?)
- 6- Em que local brincam mais? E a quê?
- 7- E gostavas de passar mais tempo no exterior?
- 8- Gostavas de ter algumas aulas no espaço exterior?
- 9- Há algum sítio no exterior que gostasses de brincar e não podes?
- 10- O que mudavas no espaço exterior? (Para quê? Como faríamos isso?...)

### **Guião de entrevista à professora cooperante**

- 1- Acha que os seus alunos gostam de brincar no exterior?
- 2- O que fazem no espaço exterior?
- 3- Planifica aulas/atividades para o exterior? Porquê? (para o sim e para o não)
- 4- Acha que as crianças deveriam passar mais tempo no exterior?
- 5- Considera que é suficiente o tempo passado no exterior?
- 6- Observa os seus alunos no espaço exterior? (Como interagem com os outros? Comportamentos?)
- 7- O que mudava no espaço exterior da escola?



**Todas as questões estão sujeitas a alterações e a formulação de novas questões no decorrer das entrevistas (crianças, professor).**

### **Anexo 3- Entrevistas das crianças**

**Entrevista: A.S.**  
**Local favorito: “Palco”**

**S.C.- Porque é que este local é o teu preferido?**

A.S.- Porque....

**S.C.- Porquê?**

A.S.- Não sei....

**S.C.- Não sabes?**

A.S.- Porque parece um palco.

**S.C.- Porque parece um palco? Boa... E onde é que gostas mais de brincar? Aqui?**

A.S.- Sim mesmo aqui em cima.

**S.C.- Porquê? Porque gostas de brincar às cantoras?**

A.S.- Sim.

**S.C.- E o que gostas mais de fazer no exterior?**

A.S.-Hum...

**S.C.- O que é que gostas de fazer aqui fora?**

A.S.- Brincar...

**S.C.- A quê?**

A.S.- Aaaa..... Às mães e aos pais!

**S.C.- Com quem?**

A.S.- Com a C.M, com as M.M., com a A.F. e a F.

**S.C.- E tu brincas sempre com elas?**

A.S.- Sim.

**S.C.- Sempre?**

A.S.- Sim.... E às vezes com a M.I.

**S.C.- Em que local é que vocês brincam mais?**

A.S.- Aqui, neste sítio...

**S.C.- E mais?**

A.S.- E lá à frente... lá atrás...

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

A.S.- Sim.

**S.C.- E o que é que fazias? Se tivesses mais tempo o que é que fazias?**

A.S.- Aaaa.... Brincava mais...

**S.C.- E a quê? Aos pais e às mães?**

A.S.- Sim.

**S.C.- E gostavas de ter alguma aula no exterior? Em vez de ser na sala aqui fora?**

A.S.- Sim gostava.

**S.C.- De que disciplina?**

A.S.- Estudo do Meio

**S.C.- Nós vimos muita vez em Estudo do Meio cá fora! E há algum sítio onde tu querias brincar e não podes?**

A.S.- Sim.

**S.C.- Onde?**

A.S.- Atrás do campo.

**S.C.- E o que é que mudavas no exterior?**

A.S.- Nada.

**S.C.- Nada? Não gostavas de ter outras coisas?**

A.S.- Não.

Entrevista C.M.

Local Favorito: Campo de futebol

**S.C.- Porque é que este é o teu local favorito?**

C.M.- Às vezes eu jogo futebol com o E.S. e a M.I.

**S.C.- Sim...**

C.M.- E quando não está ninguém no campo brinco com a M.M. e a F.

**S.C.- A quê? A que é que brincam?**

C.M.- Aaaa... Às vezes brincamos ao gavião.

**S.C.- E onde gostas mais de brincar?**

C.M.- Aqui.

**S.C.- E o que gostas mais de fazer?**

C.M.- Brincar às mães e aos pais.

**S.C.- E brincas com quem?**

C.M.- Às vezes brinco com a A.S., com o E.S., com a M.I.... Com a A.S....

**S.C.- Já tinhas dito a A.S.... E brincas sempre com eles?**

C.M.- Sim.

**S.C.- E porque é que só brincas com eles?**

C.M.- Porque às vezes os outros não querem brincar comigo e só querem jogar futebol...

**S.C.- Ah ok... E em que local brincam mais? Onde é que vocês brincam mais vezes?**

C.M.- É.... Ali ao pé dos bancos.

**S.C.- E a quê? Às mães e aos pais?**

C.M.- Sim.

**S.C.- E a mais alguma coisa?**

C.M.- Sim, jogamos ao macaquinho de chinês.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

C.M.- Sim

**S.C.- E a fazer o quê?**

C.M.- Aaaa.... A fazer...

**S.C.- Se passasses mais tempo no exterior o que é que gostavas de fazer?**

C.M.- Brincar à....

**S.C.- Brincar a quê?**

C.M.- Aaaa....

**S.C.- A quê? Diz lá...**

C.M.- À apanhada, às escondidas.

**S.C.- E gostavas de ter aulas no espaço exterior?**

C.M.- Sim.

**S.C.- Que aulas?**

C.M.- A.... de português, expressão plástica, estudo do meio...

**S.C.- Há algum sítio aqui fora que gostasses de brincar e não podes?**

C.M.- Sim.

**S.C.- Onde?**

C.M.- Ao pé do CASPAE...

**S.C.- E gostavas de brincar a quê ali?**

C.M.- Aaaa.... Gostava de saltar à corda, brincar...

**S.C.- Saltar à corda e mais?**

C.M.- Também brincar com as raquetes.... '

**S.C.- Vocês têm aqui raquetes ou trazem de casa?**

C.M.- Temos no pavilhão!

**S.C.- Ah! Mas podem ir buscar quando quiserem?**

C.M.- Não.

**S.C.- Ah não...**

C.M.- Mas eu queria...

**S.C.- O que é que mudavas no espaço exterior? Ou o que é que gostavas de ter aqui?**

C.M.- Um parque infantil.

**S.C.- Onde?**

C.M.- Nesta zona aqui. Ao pé do campo de jogos.

Entrevista A.F.  
Espaço favorito: Telheiro

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

A.F. -Porque está sempre sol, sombra...

**S.C.- E mais? Só por causa disso?**

A.F. -Não....

**S.C.- E então diz-me lá...**

A.F. -Porque tem muito espaço para brincar... e mais nada.

**S.C.- E onde é que gostas mais de brincar?**

A.F. -Aqui...

**S.C.- Porquê?**

A.F. -Porque... tem espaço muito...

**S.C.- Sim...**

A.F. -E está sempre muito sol....

A.F. -E tem a sombra...

**S.C.- Sim**

**S.C.- E o que é que gostas mais de fazer no exterior?**

A.F. -Aaaa... correr...

**S.C.- E porquê?**

A.F. -Porque...

**S.C.- Não sabes?**

A.F. -Não...

**S.C.- Porque gostas de correr?!**

A.F. -Sim.

**S.C.- E com quem costumavas brincar?**

A.F. -Com a M.M., com a F., e com a H.

**S.C.- Brincam a quê?**

A.F. -Aaaa.... Ao Sr. Doutor....

**S.C.- E mais?**

A.F. -Ao concurso das danças e aos 15.

**S.C.- E brincas sempre com essas meninas?**

A.F. -Sim.

**S.C.- Sempre?**

A.F. -Às vezes.

**S.C.- Em que local brincas mais?**

A.F. -Neste sítio... Ao pé da árvore.

**S.C.- E a quê?**

A.F. -À apanhada.

**S.C.- E gostavas de passar mais tempo aqui fora?**

A.F. -Sim.

**S.C.- O que é que gostavas de fazer?**

A.F. -Hum... jogar à apanhada, jogar às escondidas e.... Fazer concursos de danças.

**S.C.- E gostavas de ter algumas aulas no espaço exterior?**

A.F. -Sim.

**S.C.- Que aulas?**

A.F. -Educação Física...

**S.C.- E mais?**

A.F. -Português.

**S.C.- E há algum sítio no exterior que que gostasses de brincar e não podes?**

A.F. -Aqui.

**S.C.- Na terra?**

A.F. -Atrás da fita.

**S.C.- E brincavas a quê se pudesses?**

A.F. -À apanhada.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

A.F. -Nada.

**S.C.- Não mudavas nada?**

A.F. -Não.

**S.C.- E gostavas de ter alguma coisa?**

A.F. -Sim.

**S.C.- O quê?**

A.F. -Um parque.

**S.C.- Um parque infantil?**

A.F. -Sim.

**S.C.- E como poderíamos fazer isso?**

A.F. -Não sei...

**S.C.- Não sabes?**

A.F. -Não sei...

**S.C.- Então querias ter uns baloiços, escorrega...?**

A.F. -Sim

Entrevista M.I.

Espaço favorito: Campo de jogos

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

M.I. -Hum... Porque gosto de jogar futebol... e assim faço desporto.

**S.C.- É o sítio onde gostas mais de brincar? Ou tens outro sítio?**

M.I. -É o sítio onde gosto mais de brincar.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer aqui no exterior?**

M.I. -Jogar futebol...

**S.C.- Só isso?**

M.I. -Jogar aos polícias e aos ladrões

**S.C.- E com quem é que costumavas brincar?**

M.I. -Com a C.M., E.S., A.S.

**S.C.- E mais?**

M.I. -E os meninos da minha turma quando vão... vamos jogar futebol.

**S.C.- E brincas sempre com os mesmos meninos?**

M.I. -Não.

**S.C.- Então se viesse outro menino para brincar contigo tu não te importavas?**

M.I. -Não.

**S.C.- Onde é que tu brincas mais? No campo?**

M.I. -Sim

**S.C.- E há outro sítio?**

....

**S.C.- Se o campo estiver ocupado vais para onde?**

M.I. -Vou jogar aos polícias e aos ladrões aqui pela escola.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

M.I. -Sim.

**S.C.- O que é que gostavas de fazer se tivesses mais tempo? Só jogar à bola?**

M.I. -Sim.

**S.C.- Estou a ver que gostas muito de jogar à bola! E gostavas de ter alguma aula no exterior?**

M.I. -Sim.

**S.C.- Aquelas aulas que costumamos ter na sala gostavas de ter no exterior?**

M.I. -Sim.

**S.C.- E que aulas gostavas de ter?**

M.I. -Aqueelas aulas das experiências e isso...

**S.C.- Olha uma boa ideia.... E há algum sítio no exterior que tu gostasses de brincar mas não podes?**

M.I. -Não.

**S.C.- O que mudavas no espaço exterior? O que colocavas aqui?**

M.I. -Não sei.

**S.C.- Achas que este espaço exterior tem tudo?**

M.I. -Sim.

Entrevista M.M.  
Espaço favorito: Frente da escola

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

M.M. -Porque eu gosto de árvores e esta tem flores, e eu gosto muito de flores.

**S.C.- Que flores são estas sabes?**

M.M. -Não... não sei...

M.M. -São rosas...

**S.C.- Ai são?**

M.M. -Sim... Olha cheira...

**S.C.- O que gostas mais de brincar?**

M.M. -Sentar-me ali e falar.

**S.C.- Falar?**

M.M. -Sim...

**S.C.- E falas com quem?**

M.M. -Com as minhas colegas

**S.C.- Quem são as tuas colegas?**

**S.C.- A F., a F., e a H. e conversas sempre com elas?**

M.M. -Sim.

**S.C.- E brincar brincas com quem? Com elas?**

M.M. -Sim.

**S.C.- Se os meninos quisessem brincar vocês não se importavam, ou importavam?**

M.M. -Não. Não havia problema.

**S.C.- Mas porque é que brincas sempre com elas?**

M.M. -Porque são as pessoas que eu confio mais.

**S.C.- E em que local brincas mais?**

M.M. -Costuma ser naquele quadrado...

**S.C.- Qual quadrado?**

M.M. -Aquele quadradinho ali...

**S.C.- Ah na entrada....**

M.M. -Sim.

**S.C.- E a quê?**

M.M. -Ao Sr. Doutor.

**S.C.- Que jogo é esse?**

M.M. -Dão todas as pessoas as mãos e enrolam-se todas e depois há uma pessoa que depois tem de desembrulhá-las.

**S.C.- Ah já sei. E gostavas de passar mais tempo no exterior?**

M.M. -Sim

**S.C.- E o que é que fazias se pudesses passar mais tempo no exterior?**

M.M. -A... também jogava aquele jogo e podia jogar Às escondidas e à apanhada.

**S.C.- Gostavas de ter aulas no exterior?**

M.M. -Sim.

**S.C.- E que aulas?**

M.M. -De educação física...

**S.C.- Só?**

M.M. -E também gostava de Estudo do Meio, porque o estudo do meio tem a ver com coisas de árvores, plantas e é cá fora.

**S.C.- Há algum sítio no exterior em que gostasses de brincar e não podes?**

M.M. -Atrás daquele pavilhão.

**S.C.- E o que é que gostavas de brincar ali?**

M.M. -A... à mosca, ao jogo da mosca e a todos os jogos que disse antes.

**S.C.- E o que mudavas no espaço exterior? Ou o que é que gostavas de ter no espaço exterior?**

M.M. -Mais sombra.

**S.C.- Mais alguma coisa?**

M.M. -Não.

**S.C.- E o que é que poderíamos fazer para ter mais sombra?**

M.M. -Mais árvores.

**S.C.- Plantar mais árvores?**

M.M. -Sim.

Entrevista I.F.  
Espaço favorito: Telheiro

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

M.M. -Porque posso descansar aqui à sombra e o chão é frio... Muitas coisas.

**S.C.- Que coisas?**

M.M. -Também porque tem espaço onde posso correr, ver as plantas. Tem aquelas plantas ali...

**S.C.- E onde gostas mais de brincar?**

M.M. -Gosto mais de brincar naquela zona ali atrás.

**S.C.- Onde? Ao pé do campo de jogos?**

M.M. -Não, naquela zona do corredor lá atrás.

**S.C.- Porque é que gostas de brincar nessa zona?**

M.M. -Porque o chão é mais frio, pode escorregar melhor, nos proteger melhor.

**S.C.- Costumas brincar com quem?**

M.M. -Costumo brincar com a R., com a E.S. e com a C.S.... E às vezes com a B.S.

**S.C.- E brincas sempre com os mesmos meninos/as?**

M.M. -Brinco sempre com a R., mas só brinco às vezes com a E.S. com a C.S e com a B.S.

**S.C.- E porque é que só brincas com elas?**

M.M. -Porque eu tenho um pouco de dificuldade em fazer amizades. Os outros é que têm que fazer as amizades por mim.

**S.C.- Como assim?**

M.M. -Imagina... Eu quero fazer amigos, não sei como mas só que depois os meus amigos fazem amizades por mim.

**S.C.- Ah... Por exemplo... Tu estás a brincar com uma amiga e outra junta-se e também te tornas amiga dela é isso?**

M.M. -Sim. É assim que eles fazem isso. Jogando jogos, deixam jogar.

**S.C.- Em que local é que brincas mais?**

M.M. -Local em que brinco mais? Aqui?

**S.C.- Sim.**

M.M. -Eu brinco mais do outro lado que mal se vê. Não se vê muito bem. Quer dizer....

**S.C.- A que é que brincas?**

M.M. -Eu brinco daquele lado. E eu brinco às rodas, pinos...

**S.C.- Ginástica não é?**

M.M. -Sim.

**S.C.- E gostavas de passar mais tempo no exterior?**

Gostava.

**S.C.- E o que é que gostarias de fazer?**

M.M. -Eu gostaria de muito de brincar. De fazer algumas atividades que não posso fazer lá dentro da escola.

**S.C.- Que tipo de atividades?**

M.M. -Como por exemplo fazer umas corridas, umas coisas que eu costumo fazer no dia-a-dia.

**S.C.- Gostavas de ter aulas no espaço exterior?**

M.M. -Claro que gostava. Naquele sítio ali... Atrás de ti.

**S.C.- Que aulas gostavas de ter?**

M.M. -Não sei bem explicar mas... gostava de ter aulas a fazer exercício físico...

**S.C.- Aulas de expressão físico motora é isso?**

M.M. -Sim.

**S.C.- E se fosse de português, matemática, estudo do Meio... Também não gostavas?**

M.M. -Claro que gostava se fosse de estudo do meio.

M.M. -Mas nós já tivemos algumas aulas de estudo do meio aqui fora...

M.M. -Mas só que eu queria outras.

**S.C.- Querias mais não é?**

M.M. -Sim queria mais.

**S.C.- Há algum sítio aqui no exterior que gostasses de brincar e não podes?**

M.M. -Por acaso sim.... Ali... Naquele sítio.

**S.C.- Ou seja, atrás do CASPAE?**

M.M. -Atrás do CASPAE, porque tem muitas flores, há lá muitas folhas...

**S.C.- Ah e querias brincar com esses elementos naturais?**

M.M. -Siiim. Eu gosto de brincar com elementos naturais! Mas só que não deixam... Não deixam brincar com a terra!

**S.C.- Ai não deixam brincar com a terra?**

M.M. -Não.

**S.C.- É uma pena, não é?**

M.M. -Grande pena!

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior? Ou o que é que gostarias de ter?**

M.M. -Eu gostaria de ter esplanada e um carrossel.

**S.C.- E como é que poderíamos fazer isso?**

M.M. -Podíamos fazer o carrossel assim... Buscávamos uma tábuca e depois púnhamos um poste, depois uns riscos, mas... eu faço isso com legos!

**S.C.- Não gostavas de ter mais nada?**

M.M. -Mais nada!

Entrevista E.S.

Espaço favorito: Campo de futebol

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

E.S. -Porque eu antes não sabia jogar futebol e agora já sei jogar futebol.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

E.S. -Aqui no campo.

**S.C.- Porquê?**

E.S. -Porque quando aprendi a jogar futebol... eu comecei a gostar e a jogar mais e isso....

**S.C.- E com quem costumavas brincar?**

E.S. -No campo?

**S.C.- No intervalo... No espaço exterior....**

E.S. -Com um amigo que é de outra turma e com os meus outros amigos.

**S.C.- Que outros amigos?**

E.S. -O E.P., o J.P., o G., o D.S., o M.F, a M.I. e o A.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

E.S. -Sim.

**S.C.- E porque é que brincas só com eles?**

E.S. -Também brinco com umas meninas!

**S.C.- São da turma ou não?**

E.S. -São...

E.S. -A C.M., A A.S.

**S.C.- Em que local brincas mais?**

E.S. -Neste espaço todo.

**S.C.- E a quê?**

E.S. -Brinco com um amigo meu do 3ºC aos polícias e aos ladrões, brinco aos pais e às mães com a C.M. e com a A.S. e às vezes brinco com os meus amigos...

**S.C.- No campo?**

E.S. -Sim.

**S.C.- A que é que brincas no campo?**

E.S. -Jogar futebol.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

E.S. -Sim.

**S.C.- O que farias?**

E.S. -Brincava

**S.C.- A quê?**

E.S. -Ao futebol e aos polícias com o meu amigo mais tempo.

**S.C.- Há algum sítio que gostarias de brincar e não poder?**

E.S. -Lá atrás....

**S.C.- Lá atrás onde?**

E.S. -Onde tem uma cerca que tem assim um fio com....

**S.C.- Por detrás do CASPAE?**

E.S. -Sim. No outro lado.... Atrás do pavilhão.

**S.C.- E porquê?**

E.S. -Porque podia ter coisas muito divertidas...

**S.C.- Como por exemplo?**

E.S. -Uma piscina, um parque pequenino e mais nada.

**S.C.- O que é que gostavas de ter no espaço exterior?**

E.S. -Uma piscina. E também queria ter uma piscina no campo para jogarmos futebol aquático.

**S.C.- Como podíamos fazer isso?**

E.S. -Podíamos fazer uma piscina, depois punha-se água e depois jogava-se.

**S.C.- Só isso?**

E.S. -E um parque.

**S.C.- O que teria o parque?**

E.S. -Um escorrega que tinha areia por baixo.

Entrevista A

Espaço favorito: Canto perto da biblioteca

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

A -Porque é ao lado da biblioteca.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

A -Aqui à sombra.

**S.C.- Gostas de brincar à sombra? E a quê?**

A -Sim. À apanhada e a essas coisas...

**S.C.- Só à apanhada?**

A -Apanhada, policias e ladrões.

**S.C.- Com quem brincas?**

A -Com o M.F., E.S., D.S., J.P.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

A -Normalmente não.

**S.C.- Então se houver outro menino que quiser brincar tu não te importas?**

A -Não.

**S.C.- Porque é que brincas com eles?**

A -Porque gosto de brincar com eles.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

A -É ali ao pé daquele quadrado...

**S.C.- Ao pé da entrada?**

A -Sim.

**S.C.- Brincas a quê?**

A -À apanhada e muitas coisas.

**S.C.- Que coisas?**

A -Um jogo é do estilo... Nós estamos no café mas nós temos montes de cavalos e o nosso objetivo é vendê-los e fazer muitas corridas.

**S.C.- Então brincas com quem?**

A -Principalmente neste jogo é com o E.S.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

A -Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

A -Continuava a brincar com o E.S..

**S.C.- E mais?**

A -É só.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

A -Sim

**S.C.- Que aulas?**

A -De experiências... Matemática também dá.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

A -Sim.

**S.C.- Onde?**

A -Atrás da escola.

**S.C.- Ao pé do CASPAE é isso?**

A -Sim.

**S.C.- E o que é que gostavas de fazer lá?**

A -Saltar à corda.... Brincar...

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

A -Nada.

**S.C.- Não mudavas nada?**

A -Não.

**S.C.- Há alguma coisa que gostasses de ter e não tens?**

A -Não.

Entrevista D.

Espaço favorito: Árvore grande

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

D.-Porque ele tem esta árvore. Eu digo que esta árvore que dá magia.

**S.C.- Onde é que gostas mais de brincar?**

D.-Ao pé desta árvore.

**S.C.- Porquê?**

D.-Porque eu sinto mais confortável.

**S.C.- Porque é que te sentes mais confortável?**

D.-Sinto-me como... tudo o que eu digo ela faz...

**S.C.- Ela ouviu-te então?**

D.-Sim!

**S.C.- O que gostas mais de fazer no exterior?**

D.-De brincar.

D.-A todas as brincadeiras.

**S.C.- Que brincadeiras?**

D.-À apanhada, às escondidas

**S.C.- Com quem brincas?**

D.-Com amigas....

**S.C.- Que amigas?**

D.-A M.M., a F. e a H.

**S.C.- Brincas sempre com eles?**

D.-Às vezes.

**S.C.- Quando não brincas com elas, brincas com quem?**

D.-Às vezes brinco sozinha...

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

D.-Às vezes é ao pé desta árvore.

**S.C.- E a quê? À apanhada?**

D.-Às magias.

**S.C.- Isso brincas com as tuas amigas ou sozinha?**

D.-Sozinha.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

D.-Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

D.-Ficava mais tempo a brincar com a árvore e fazia ginástica também.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

D.-Sim.

**S.C.- Que aulas?**

D.-De ginástica.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

D.-Há.

**S.C.- Onde?**

D.-Atrás da árvore que disse que gosto muito.

**S.C.- E porque é que não podes brincar atrás da árvore?**

D.-Porque não deixam...

**S.C.- Mas não está lá nenhuma fita....**

D.-Mas mesmo assim, sem ter fita não deixam.

**S.C.- Quem é que não deixa?**

D.-Não deixam o L., outras funcionárias.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

D.-O que é que eu mudava?

**S.C.- Ou o que é que gostavas de ter?**

D.-Gostava de ter, mais árvores para a árvore que eu disse minha amiga conhecer outras.

**S.C.- O que podíamos fazer para ter mais árvores?**

D.-Semear... uma árvore.

**S.C.- Plantar mais árvores?**

D.-Sim.

Entrevista D.S.

Espaço favorito: Campo de futebol

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

D.S.-Posso jogar com os meus amigos e divertir-me.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

D.S.-No campo de futebol.

**S.C.- E porquê?**

D.S.-Porque posso divertir, deixa os meus colegas felizes e marco golos.

**S.C.- O que mais gostas de fazer no exterior?**

D.S.-Jogar à bola.

**S.C.- Porquê?**

D.S.-Complicou....

**S.C.- Diz lá porquê!?**

D.S.-Vejo os meus colegas felizes e vejo os meus colegas a divertirem-se e a rirem-se.

**S.C.- Com quem brincas?**

D.S.-Com o J.P., M.I., G., E.P., M.S, N e etc...

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

D.S.-Não.

**S.C.- E porquê?**

D.S.-Há dias que cha.... Há dias que brinca com outras pessoas como o E.P., brinca com o E.S noutro sítio e também joga comigo mas brinca com o E.S noutro sítio.

**S.C.- Estão sempre a brincar no campo é isso?**

D.S.-Também lá ao fundo com a bola de ténis.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

D.S.-No campo de futebol.

**S.C.- E a quê?**

D.S.-À bola.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

D.S.-Sim.

**S.C.- E a fazer o quê?**

D.S.-A brincar...

**S.C.- A brincar a quê?**

D.S.-Jogar futebol.

**S.C.- Sempre?**

D.S.-E à apanhada, às escondidas.... Não é às escondidas é aos 15.

**S.C.- O que é que farias?**

D.S.-Era jogar à apanhada e aos 15.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

D.S.-Sim.

**S.C.- Que aulas?**

D.S.-Deixa-me pensar.... Podíamos fazer coisas divertidas

**S.C.- Tipo o quê?**

D.S.-Jogar jogos como aquele das tabuadas dos menos e dos mais.

**S.C.- O do jogo do lencinho com a tabuada?**

D.S.-Sim.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

D.S.-Não.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

D.S.-Nada.

**S.C.- Tens tudo o querias?**

D.S.-Tenho o campo de futebol tenho tudo.

Entrevista M.F.

Local favorito: Campo de jogos

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

M.F.-O meu local favorito é o campo porque eu gosto muito de jogar futebol.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

M.F.-Em que sítio do campo?

**S.C.- Aqui no exterior...**

M.F.-No campo.

**S.C.- Porquê?**

M.F.-Porque eu gosto muito de jogar futebol e é o nosso dia de jogar.

**S.C.- Há dias para jogar?**

M.F.-Sim.

M.F.-Não sabia....

**S.C.- O que é que mais gostas de fazer no exterior?**

M.F.-Jogar à bola. Não é preciso ser no campo. Nós temos bolas, meu amigo trás bolas e jogamos.

**S.C.- Só jogas à bola?**

M.F.-Brinco à apanhada, às escondidas...

**S.C.- Com quem brincas?**

M.F.-Com o D.S., O J.P., a M. ... a M.M.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

M.F.-Não. Brinco às vezes com meninos de outras salas, principalmente do 1º ano mas a maioria é mesmo com o 2º B.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

M.F.-Nós brincamos não no campo porque há dias para jogar por isso temos de dividir o tempo, mas eu brinco mais nessa região ali do CAF.

**S.C.- Ali atrás?**

M.F.-Sim.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

M.F.-Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

M.F.-Brincava às mesmas coisas porém, mais.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

M.F.-Gostava. E às vezes temos até.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

M.F.-Sim.

**S.C.- Onde?**

M.F.-Ali ao fundo, não sei explicar bem...

**S.C.- Ao pé do CASPAE?**

M.F.-Sim.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

M.F.-Aaaa....

**S.C.- Ou não mudavas nada?**

M.F.-Sim, não mudava nada.

Entrevista E.

Local preferido: árvore grande

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

E. -Porque estou com as minhas amigas e passo mais aventuras com elas.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

E. -Num buraco ao pé da árvore.

**S.C.- Porquê?**

E. -Porque podemos esconder, brincar aos animais e podemos também fazer tudo o que E. -quisermos lá.

**S.C.- O que costumam fazer?**

E. -Brincamos de fadas, de super-heroínas... Várias coisas... Brincamos à magia, aos animais....

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

E. -Culinária com a natureza.

**S.C.- Porquê?**

E. -Porque a B.S. é ótima a cozinhar e trás comida verdadeira para nós fazermos com elementos a fingir. E a B.G gosta muito de me pegar ao colo e isso dá uma importância de magia para a culinária.

**S.C.- Com quem brincas?**

E. -Com as duas B.

**S.C.- Só?**

E. -Sim. Outras vezes brinco com.... E isso.

**S.C.- E brincas sempre com elas?**

E. -Às vezes.

**S.C.- Porquê?**

E. -Porque eu não tenho mais amigos e os outros gozam...

**S.C.- Gozam contigo?**

E. -Gozam... Mas isso não importa. Tenho amigas que sabem estar.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

E. -Brincamos aqui neste canto.

**S.C.- E a quê?**

E. -Às super-heroínas e culinárias.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

E. -Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

E. -Faria um parque para as crianças do 1º ano e também fazia um campo para o golfe e isso.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

E. -Gostava. De saber o ambiente de cada animal e também as folhas... O que é que fazem...

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

E. -Há. É um sítio que tem uma fita.

**S.C.- Onde é?**

E. -Há três sítios.

E. -Um ali, outro ali e outro acolá, ali no canto.

**S.C.- O que é que tu farias nesses sítios se pudesses?**

E. -Faria, um.... Por exemplo, uma casa para os deficientes, um caminho onde levasse o jardim....

**S.C.- Um caminho que fosse ter ao jardim?**

E. -Um caminho onde percorria todas as zonas proibidas até um jardim.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

E. -Mudava as cordas por pedras coloridas e também mudava em vez destes jogos, fazer uns jogos com giz.

**S.C.- Então gostavas de ter giz aqui no exterior para escrever no chão e desenhar?**

E. -Sim.

Entrevista H.

Local preferido: árvores

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

H.-Porque gosto de brincar na terra e... e... eu basicamente brinco aqui com as minhas amigas.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

H.-Ali.

**S.C.- E a quê?**

H.-Gosto de brincar com folhas e as árvores e algumas vezes faço.... Faço...brinco com pedras e com a terra. E algumas vezes faço construções com elas.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

H.-Gosto.... Mais de brincar aos jogos como escondidas, apanhadas...

**S.C.- Com quem brincas?**

H.-Brinco com a M.M, a F., a D.F e algumas vezes a A.F.

**S.C.- Então não brincas sempre com as mesmas meninas ou brincas?**

H.-Mais brinco.... Brinco sempre com as mesmas.

**S.C.- Porque é que brincas só com elas?**

H.-Eu também algumas vezes brinco só com outros mas eu brinco com elas porque elas muitas vezes brincam comigo

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

H.-Ali.

**S.C.- E a quê?**

H.-Aos 15, e também à apanhada, à cabra cega e assim.... Muitas mais coisas.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

H.-Não, acho que.... No exterior.... Sim gosto mais de brincar no exterior....

**S.C.- Gostavas então de passar aqui mais tempo?**

H.-Sim.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

H.-Sim.

**S.C.- Que aulas?**

H.-Estudo do Meio, Português e Matemática.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

H.-Ali.... Ao pé das grades.

**S.C.- Ao pé do CAF?**

H.-Sim.

**S.C.- O que é que tu farias nesses sítios se pudesses?**

H.-Brincaria aos 15, não... À apanhada, à cabra cega.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

H.-O que eu mudava.... A..... Não sei... Eu mudava o campo para... não sei...  
Mudava o campo...

**S.C.- Mas mudavas o campo de sítio ou tiravas mesmo da escola?**

H.-Punha um campo não sei...

Entrevista B.S

Local preferido: árvore grande

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

B.S.-Porque eu sinto que é o sítio que as minhas amigas comemoramos a nossa amizade, por isso é que é o meu sítio favorito.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

B.S.-Nessa mesma árvore

**S.C.- Porquê?**

B.S.-Porque posso por exemplo, posso fazer tudo... E eu e a B.G. e a E.S. podemos sentir mais à vontade. Sentimos que a árvore é um sítio que gostamos de ter.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

B.S.-Gosto por exemplo, de brincar com as minhas amigas e isso....

**S.C.- A quê?**

B.S.-Brincamos a fadas mágicas, cozinheiras, aventureiras e essas coisas.

**S.C.- E brincas sempre com os mesmos amigos?**

B.S.-Sim porque não gosto muito de brincar no campo de futebol e também gosto mais de brincar com as minhas amigas e elas também gostam de brincar comigo.

**S.C.- Com quem brincas?**

B.S.-Com a E.S. e a B.G.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

B.S.-Na árvore.

**S.C.- E a quê?**

B.S.-Às fadas, cozinheiras, aventureiras

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

B.S.-Gostava.

**S.C.- Gostavas ter aulas no espaço exterior?**

B.S.-Gostava também.

**S.C.- Que aulas?**

B.S.-De ginástica ou assim.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

B.S.-Não, não há nenhum sítio.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

B.S.-Mudava por exemplo o campo para um parque que pudessem jogar à bola.

Entrevista J.P

Local preferido: Campo de futebol

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

J.P.-Porque posso correr muito e jogar futebol

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

J.P.-Ali ao é das balizas

**S.C.- Porquê?**

J.P.-Porque posso subir às redes.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

J.P.-Correr.

**S.C.- Só?**

J.P.-Sim.

**S.C.- Com quem brincas?**

J.P.-Com o G. com o D.S. com o C. e com o S.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

J.P.-Não. Mas brinco mais com eles.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

J.P.-Não sei...

**S.C.- Sabes pois...**

J.P.-No campo de futebol.

**S.C.- E a quê?**

J.P.-Futebol.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

J.P.-Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

J.P.-Jogava à apanhada e as escondidas

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

J.P.-Sim.

**S.C.- Que aulas?**

J.P.-Educação física, estudo do meio e mais nada.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

J.P.-Não.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

J.P.-As redes e as redes de basquetebol.

**S.C.- Tiravas as redes?**

J.P.-Tirava e metia umas novas.

Entrevista F.

Local preferido: Buraco num arbusto

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

F.-Porque eu gosto de brincar aqui.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

F.-Aqui.

**S.C.- Porquê?**

F.-Não respondeu.

**S.C.- A que é que costumavas brincar?**

F.-A.... Às mães e aos pais.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

F.-Hum...

**S.C.- Com quem brincas?**

F.-Com a M.M., com a H. e com a D.F.

**S.C.- E brincas sempre com elas?**

F.-Sim. Com a C.M. e com a A.S.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

F.-Aqui.

**S.C.- E a quê?**

F.-Às mães e aos pais.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

F.-Sim.

**S.C.- Gostavas ter aulas no espaço exterior?**

F.-Sim

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

F.-Atrás do campo.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

F.-Não.

Entrevista E.P.

Local preferido: campo de futebol

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

E.P.-Porque eu já marquei vários golos aqui e gostei.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

E.P.-No campo

**S.C.- Porquê?**

E.P.-É o local em que eu me apaixonei muito a jogar.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

E.P.-Jogar futebol. Porque o meu pai sempre me disse para eu jogar e passado os anos deu-me o hábito.

**S.C.- Com quem brincas?**

E.P.-Com a minha equipa.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

E.P.-De vez em quando.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

E.P.-No campo.... Eu tenho outros mas aqui é um deles.

**S.C.- E a quê?**

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

E.P.-Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

E.P.-Jogava sempre.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

E.P.-Futebol. E Estudo do Meio.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

E.P.-Sim. Atrás do CASPAE

**S.C.- O que é que tu farias nesses sítios se pudesses?**

E.P.-Brincava à apanhada e às escondidas com os meus amigos.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

E.P.-O 2ºA não fosse tão batoteiro.

**S.C.- O que é que mudavas?**

E.P.-Ter um campo com relvado.

Entrevista B.G.

Local preferido: árvore grande

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

B.G.-Eu, a E.S. e a B. S. vamos sempre lá brincar e.... E eu sinto-me mais feliz lá.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

B.G.-Na árvore.

**S.C.- Porquê?**

B.G.-Eu a B.S e a E.S. estamos sempre a brincar lá e a árvore.... Sinto-me mais feliz quando elas estão lá comigo.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

B.G.-Gosto de brincar às escondidas e às vezes vamos ali para o campo fazer coisas, aos super poderes.

**S.C.- Com quem brincas?**

B.G.-Com a B.S e a E.S.

**S.C.- E brincas sempre com elas?**

B.G.-Sim.

**S.C.- E porquê?**

B.G.-Porque gosto mais delas. Porque a B.S. andava comigo no infantário e quando a E.S. veio para cá gostei muito dela.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

B.G.-Ali mesmo na árvore.

**S.C.- E a quê?**

B.G.-Às super heroínas e também temos super poderes.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

B.G.-Sim.

**S.C.- O que é que farias?**

B.G.-Brincava sempre com elas em todo o lado.

**S.C.- E gostavas ter aulas no espaço exterior?**

B.G.-Sim.

**S.C.- Quais?**

B.G.-Expressão Plástica e também Educação física no campo.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

B.G.-Para aquela parte. Para trás da árvore.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

B.G.-Punha aqui uns baloiços e um escorrega.

Entrevista M.

Local preferido: campo de futebol.

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

M.-Porque é um sítio grande, dá para fazermos tudo que quisermos, podemos jogar futebol e muitos jogos.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

M.-Ali à frente.

**S.C.- Porquê?**

M.-É um sítio calmo, tem muita gente para brincar e a N. está sempre a brincar comigo e é um espaço divertido.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

M.-Gosto mais de fazer jogos.

**S.C.- Que jogos?**

M.-Macaca, lençinho, gavião e ao rabo da raposa.

**S.C.- Com quem brincas?**

M.-Com o F., A., G., com o D.S., com a N., com o E., E.P.

**S.C.- Brincas sempre com os mesmos meninos?**

M.-Não.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

M.-No campo de futebol.

**S.C.- E a quê?**

M.-Futebol, atirar a bola e ginástica.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

M.-Sim.

**S.C.- O que farias?**

M.-Brincava mais com os meus colegas, aproveitava mais tempo para brincar e conhecia mais amigos.

**S.C.- Gostavas ter aulas no espaço exterior?**

M.-Sim.

**S.C.- Que aulas?**

M.-Todas as aulas.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

M.-Sim. Gostaria de mudar a macaca para a... Para um parque.

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

M.-Sim, na horta. Vigiar a horta e cuidar sempre que puder.

Entrevista N.

Local preferido: parte da frente da escola

**S.C.- Porque é que este local é o teu favorito?**

N.- Porque está aqui flores e gosto de estar aqui ao pé das flores.

**S.C.- Onde gostas mais de brincar?**

N.- Aqui e às vezes no campo.

**S.C.- Porquê?**

N.- No campo tenho muitos amigos para brincar e no campo brincar com a M. e fazer o pino.

**S.C.- O que é que gostas mais de fazer no exterior?**

N.- Gosto de fazer atividades com as professoras estagiárias.

**S.C.- E porquê?**

N.- Porque são divertidas e algumas fazem que nós aprendemos mais.

**S.C.- Com quem brincas?**

N.- Com a M. o D.S., o J.P., o G. e outros meninos do 2º A. Mas mais com a M.

**S.C.- E brincas sempre com eles?**

N.- Sim.

**S.C.- Qual é o local onde brincas mais?**

N.- Nesta parte.

**S.C.- E a quê?**

N.- Às vezes vamos brincar aos avós que sou avó e tenho que apanhar eles todos porque estão sempre a fugir de casa.

**S.C.- Gostavas de passar mais tempo no exterior?**

N.- Às vezes lá dentro

**S.C.- Há algum sítio que gostasses de brincar no espaço exterior e não podes?**

N.- Lá atrás naquelas partes.

**S.C.- E o que é que mudavas no espaço exterior?**

N.- Mudava as grades dos cestos de basquetebol e da baliza.

**S.C.- Porque?**

N.- Porque a bola magoa as pessoas.

#### **Anexo 4- Entrevista professora cooperante**

##### **S.C- Acha que os seus alunos gostam de brincar no exterior?**

M.A.- É assim... Eu acho que sim. Embora haja alunos que preferem ficar na sala de aula, mas acho que eles gostam de brincar no exterior sempre que acompanhados pela professora, pelas professoras. Quando são deixados livremente há uma grande percentagem deles que prefere ficar na sala de aula a escrever no quadro, portanto a brincar...

##### **S.C- Planifica aulas/atividade para o exterior?**

M.A.- Muito poucas.

##### **S.C. - E porquê?**

M.A.-Primeiro pela quantidade de conteúdos programáticos das disciplinas nucleares, porque não nos libertam para brincar tanto tempo cá fora, as atividades que planifico para o exterior são algumas delas livres mas algumas também com o objetivo de consolidar/desenvolver conhecimentos das disciplinas nucleares.

##### **S.C.-Na sua opinião é importante que as crianças brinquem no intervalo?**

M.A.-Eu acho que é muito importante.

##### **S.C.-Porquê?**

M.A.-Porque eu acho que dessa brincadeira no intervalo e desse libertar de energia advém depois uma maior concentração nas atividades dentro da sala de aula.

##### **S.C- Acha que as crianças deveriam passar mais tempo no exterior?**

M.A.-Eu acho que sim, mas para isso o Ministério teria que libertar tempo em termo dos conteúdos programáticos e esta questão colocada hoje num dia em que fizemos prova de aferição de Português, que quanto a mim tinha um grau de exigência extremamente elevado para estes alunos. Ainda que os meus alunos têm um desempenho razoável, tenho a certeza absoluta que em muitas escolas e muitos locais do país houve muitas crianças a não conseguir realizar algumas partes da prova.

##### **S.C.-E tiveram pouco tempo de intervalo não foi?**

M.A.-O intervalo era só de 20min os 20min com a saída, com a entrada... Não lhes restava mais que 15min e com a agravante que a 2ª parte era muito exigente. Um texto muito grande para ler, que exigia alguma compreensão e questões com 7 e 8 linhas para ler. Ou seja, de texto para ler e interpretar para depois conseguirem responder às questões e por aí se vê que o Ministério não está preocupado com o tempo que as crianças brincam no

exterior porque este grau de exigência não se compadece de aligeirar aulas de português ou de matemática.

**S.C.-Costuma observar os seus alunos no exterior?**

M.A.-Às vezes sim e gosto de ver a forma como eles brincam, mas muitas vezes não observo mais porque acho que condiciono nas brincadeiras. Ao verem o professor correm para mim, querem que eu brinque com eles, querem brincar comigo e às vezes isso limita-os na liberdade de exteriorizar sentimentos.

**S.C.-Já reparou como interagem uns com os outros, se é muito a turma ou se também brincam com outros meninos?**

M.A.-É mais com a turma, há casos pontuais de crianças que... Os três que já estão a frequentar pela segunda vez o 2º ano, pronto, já tinham os amiguinhos nessa turma e já vão para esses amiguinhos às vezes, mas que o grupo de turma em si se junta, não num todo, mas temos grupos aqui e ali, mas muito cingido à turma e pontualmente é que eles procuram crianças de outra turma.

**S.C.-O que é que mudava no espaço exterior?**

M.A.- Eu se calhar colocaria mais espaços onde tivessem jogos e brincadeiras que eles pudessem fazer livremente, mas com jogos determinados, acho que falta um bocado disso e as vezes caímos no risco de, as crianças ao ficarem lá fora se limitarem a correr, ou seja, às vezes uns contra os outros. Haver mais espaços/cantinhos por exemplo, jogo disto, brincadeira daquilo, pronto, era uma brincadeira livre, mas organizada. Aquele era o espaço para fazer o jogo X, ainda que eles soubessem que estavam a brincar livremente sem que os estivessem a controlar nem a cortar liberdade.

**Anexo 4- Fotografias tiradas pelas crianças**



Anexo 5- Alguns desenhos feitos pelas crianças

